

Por uma sobriedade feliz

Patrick Viveret

Tradução: Débora Nunes

QUARTETO
EDITORA

2012

Copyright © Patrick Viveret

Capa & Projeto Gráfico
Atelier Casa de Criação
casadecriacao.design@gmail.com

Capa
Obra: “Sobriedade Feliz”
Grupo cooperativo de artistas “Artencontro”
Fotografia: Marina Alfaya

Dados Internacionais de catalogação na
publicação (CIP)

Viveret, Patrick
Por uma sobriedade feliz: Patrick Viveret.
Tradução: Débora Nunes
Salvador: Quarteto Editora, 2012.
114p.

ISBN: 978-85-8005-043-1

1. Filosofia moral. 2. Conduta humana 3.
Palestra. I. Título. II. Nunes, Débora.

Índice para catálogo sistemático:

1. Ética – 170. 2. Filosofia Moral – 170

Quarteto Editora
Av. Antonio Carlos Magalhães, 3213
Golden Plaza. Sala 702
Parque Bela Vista – Brotas
Salvador – Bahia
41.275-000
[71] 3452.0210
quarteto.livros@compos.com.br

:: Apresentação

O livro que está em suas mãos é originário de uma palestra realizada como Aula inaugural da Escola Superior de Agricultura, em 2009. Em seu modesto tamanho ele abrange a largueza do mundo e a singeleza do cotidiano. Para a tradução brasileira o texto foi retomado pelo autor, a partir de sugestões da tradutora, visando facilitar sua compreensão. A publicação, feita também em meio virtual com acesso gratuito para todos no site <http://redeprosolidarios.org/>, consolida assim a linha de atuação da ONG REDE – Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania, na publicação de documentos on line sobre conceitos e práticas do futuro emergente.

Sobre a expressão “Sobriedade feliz”, o autor da publicação, Patrick Viveret, diz que retomou a ideia originalmente lançada por Pierre Rabhi no li-

vro “A arte da sobriedade feliz” e que esta se relaciona também com a expressão “Abundância frugal” criada por Jean-Batiste de Foucauld. O desafio de ser feliz com simplicidade, em conexão construtiva e criativa consigo mesmo, com os outros e com a Natureza, é o objeto deste texto inspirador.

O autor desta publicação, Patrick Viveret, é filósofo e também autor de diversos livros, entre eles “Reconsiderar a riqueza”, traduzido em diversas línguas, inclusive em português, em edição brasileira hoje esgotada. Patrick Viveret foi Conselheiro do Tribunal de Contas do governo francês e relator da missão governamental “Novos fatores de riqueza”, encomendada pela Delegação Interministerial para a Inovação e a Economia Social. Esta pesquisa deu origem ao livro citado acima e tornou Patrick Viveret um intelectual de renome na França e na Europa. Como militante engajado nas causas das transformações pessoais e sociais, é co-fundador da rede de eventos intitulada “Dialogues en humanité”, dirige o Centro Internacional Pierre Mendes France e é colaborador da revista Transversales Science-Culture. Publicou, entre outros, os livros «Pourquoi ça ne va pas plus mal ?» (Porque as coi-

sas não estão piores?), ainda sem edição brasileira e também o livro em parceria com Edgar Morin, intitulado «La Voie» (A via) que será publicado brevemente em português.

:: Introdução

Ok, eu confesso com boa vontade: eu sou mesmo um filósofo. Imediatamente eu percebo vocês bocejarem! E, no entanto, vocês poderiam também ficar com água na boca! Eu defino a filosofia como “a arte da degustação da vida”. Eu me coloco em posição oposta àquelas abordagens tristes e ascetas frequentemente vinculadas à filosofia. Acredito que é realmente importantíssimo poder viver intensamente esta breve viagem que cada um de nós faz passando por esta Terra e este Universo. Ora, pode-se saborear esta passagem, ainda mais se vamos ao essencial durante a viagem.

Eu não vou dizer a vocês que a vida é um mar de rosas. Em certas circunstâncias, é preciso ter uma lucidez extrema, às vezes mesmo uma lucidez trágica, face aos momentos críticos como este com o qual a humanidade está confrontada. Nós



8

não poderemos chegar a aquilo que Hans Jonas, discípulo de Heidegger, chamava de “princípio de responsabilidade” — a capacidade de afrontar lucidamente os riscos — se nós não damos vida, simultaneamente, ao princípio da esperança. É preciso não apenas crer que existe um futuro possível para a Humanidade, mas também imaginar um futuro desejável para a família humana, e não apenas pensar no objetivo minimalista da nossa sobrevivência biológica. É a questão da vida intensa que se coloca, tanto em nossas vidas pessoais quanto na vida coletiva da Humanidade. Para identificar as forças criativas que podem nos fazer chegar a este futuro, é preciso ver e crer que “outro mundo é possível”. Foi sob esta famosa palavra de ordem que se desenvolveram muitos Fóruns Sociais Mundiais e alguns pensam até que este modo de estar no mundo já está em construção.

Eu gostaria de chamar a atenção de alguns elementos de destaque para mostrar que isso que é chamado de “crise atual” é apenas a lupa que mostra mutações que são muito mais profundas e que vêm de muito mais longe no tempo. Após esta primeira parte, eu abordarei a noção de sobriedade

Por uma sobriedade feliz...



feliz e mais particularmente sobre como esta sobriedade feliz é uma resposta a elementos ligados à desmesura, ou à falta de limites, e ao mal viver que se conhece hoje e que está na origem da crise que se vive neste momento. Por fim, eu terminarei por identificar onde estão as forças de vida, onde estão as forças criativas para que se tirem as boas lições do fim de uma época, de um mundo. Acredito que nós não poderemos participar da criação deste mundo emergente se não identificarmos na atualidade as forças de vida, os exemplos sobre os quais poderemos nos apoiar para que as transformações futuras se desenvolvam. Estas transformações são as alternativas aos riscos muito reais de retrocessos, de caos, e mesmo de lógicas de guerra que também estão no horizonte próximo.

9



Primeira lição:
uma reflexão sobre o mundo de hoje
Um contexto em transformação: O que
vamos fazer do nosso planeta?

11

/ I /

A crise financeira atual: a parte visível de uma
crise global subjacente

A palavra “crise” tem estado na moda nesses últimos anos e foi empregada de todas as formas e por todo lado, representando a desculpa perfeita para todas as nossas impotências e todas as nossas covardias. Entretanto, se repararmos bem, a crise não é mais do que a lupa que vem mostrar mais claramente fenômenos muito mais vastos, tanto por sua profundidade, pela amplidão das questões que veem à tona, quanto pela sua duração históri-



ca. Assim, pode-se dizer que três “ondas” diferentes atingiram a humanidade e nosso planeta, conduzindo à crise atual, que precisa ser entendida como sistêmica, pois é muito importante não isolar a crise financeira da crise ecológica, da crise social e mesmo de seus aspectos geopolíticos e civilizacionais.

12

A primeira onda, ligada à crise financeira, não nasceu apenas da falência do banco americano Lehman Brothers, em 2008. É uma corrente muito mais forte, originada nos últimos trinta anos, associada a uma grande derrota: a que poderia ser chamado de “ultra-capitalismo”. Esta derrota segue aquela do “ultra-dirigismo”, que coincidiu com a derrocada do império soviético, vinte anos atrás. Na escala da história humana, vinte anos são como se fosse ontem. Essa primeira onda pode nos parecer curta, mas ela é muito mais longa e profunda do que nossa visão de curto prazo que vê uma crise econômica e financeira que teria surgido há pouco tempo e da qual esperaríamos que já estivesse terminando.

Na insustentabilidade deste mundo há dois elementos determinantes: o que se pode chamar

Por uma sobriedade feliz...



de uma “falta de medida” ou desmesura¹ e o que se pode apreender como “mal viver”. As duas questões são importantes para tentar compreender porque a crise atual é sistêmica, ou seja, porque existe uma ligação muito forte entre a crise financeira que todo mundo percebe e a crise ecológica, social etc. Essas diferentes crises possuem características interligadas, que dão lugar à ideia de crise sistêmica e mostram o interesse de tratá-la desta forma. Se a única resposta que tem sido dada a essa crise está dentro de uma lógica de intervenção apenas na situação financeira e econômica, desconectada de todos os outros aspectos, esquece-se da crise ecológica que existe, evidentemente, de forma simultânea.

13

A crise ecológica tem duas faces, uma ligada às mudanças climáticas e outra referente às perdas de biodiversidade. A crise ecológica não para de se aprofundar nos últimos anos e não faz sentido imaginá-la como superada por causa da crise deslanchada pela falência do Banco Lehman Brothers.

1. (NT) A expressão “falta de medida”, descomedimento ou exagero poderiam traduzir o termo *démésure*, do original. A palavra desmesura será utilizado no texto para ser coerente com a escolha do autor que também optou por uma palavra pouco comum na língua francesa.



Do mesmo modo, a crise social mundial que se revela brutalmente na questão da fome no mundo, também não para por causa da crise financeira, ao contrário. Ao fazer uma abordagem puramente setorial da crise, ocupando-se apenas dos seus aspectos financeiros e econômicos, cai-se em uma “fuga para frente”². Esta “fuga para frente” que existe hoje face à crise financeira e econômica se acompanha de um retrocesso em relação a outros campos: ecológico, social, repartição de riquezas etc. Como explicar que, no mesmo momento em que os países ricos evocavam a falta de recursos para fazer face a demandas sociais de seus povos, tenha sido possível levantar milhares e milhares de dólares e euros para socorrer a economia mundial e, em particular, para socorrer os bancos? Não se pode avançar no tratamento desta crise sistêmica se não se vislumbrar os pontos comuns entre seus diversos aspectos. E quais são esses pontos comuns?

2. (NT) A expressão *fuite en avant*, oriunda da psicanálise e usada correntemente no francês culto, significa não fazer face às dificuldades, passando sempre a um novo problema, sem nunca enfrentá-los. No contexto leigo brasileiro, não psicanalítico, portanto, pode ser comparada à referência ao comportamento da avestruz, que evita enxergar as dificuldades escondendo a cabeça na terra.



Eu poderia insistir sobre todos os aspectos que conduzem às mudanças climáticas e suas manifestações cada vez mais presentes na superfície da terra. Mas basta ler os jornais diários para obter as informações pertinentes. Falarei então sobre os riscos que corremos face às ameaças à biodiversidade que são também importantes — menos comentados, porém —, dizendo que se evoca hoje o risco de uma 6ª grande extinção de espécies. Foram registradas até hoje cinco grandes extinções em massa, sendo a última a dos dinossauros, há 65 milhões de anos atrás. A sexta extinção de espécies seria aquela realizada fundamentalmente pela ação humana desde o início do seu domínio sobre a terra, nos últimos dez mil anos, período conhecido como Holoceno.

15

Existe também por trás da crise financeira um princípio fundamental que não se reduz apenas à abordagem econômica e que pode ser assim resumido: “Toda crise financeira na história significa, no sentido forte do termo, uma crise de crença, uma crise de fé”. A palavra latina *fides*, que está na origem da palavra *finança*, exprime ao mesmo tempo *confiança* e *fé*.



16

Toda crise financeira é uma crise de confiança, sendo esta última muito marcada pela perda de confiança em relação ao sistema interbancário. Mas é também uma crise de fé, uma crise religiosa, uma crise de crença. Significa a derrocada do sistema de crenças sobre o qual se baseava o conjunto das representações econômicas, e também societais, dos últimos trinta anos. Esse sistema se construiu a partir da expressão TINA, retomando o famoso aforismo de Margareth Thatcher “There is no alternative” (Não existe alternativa), que justificava as medidas neoliberais que conduzia, nos anos 1980, a economia britânica. É o conjunto desse sistema de crenças, em nome do qual toda proposição diferente era considerada *a priori* como fora de cogitação, que desaba. E, como todo sistema de crenças, é o conjunto da organização clerical, dogmática, e todo o conjunto de clérigos, que é colocado em questão. Podemos compreender melhor a crise financeira se a entendemos dentro de uma grande crise de civilização, de uma grande crise de crenças, mais do que se a analisarmos simplesmente como uma crise econômica.

Por uma sobriedade feliz...



:: O impasse do ultra-capitalismo

Se nos interrogamos, nos damos conta de que a ideia de desmesura, que vem de *ubris*, arrogância em grego, aparece tanto na crise social quanto na crise ecológica. Um exemplo expressivo disto são os números oficiais fornecidos pela ONU: as fortunas pessoais das 225 famílias mais ricas do mundo são equivalentes à renda obtida por mais de 2,5 bilhões de pessoas.

17

Poderíamos também retomar uma ideia de Henry Ford — que não é exatamente conhecido por ser um “alternativo” — que considerava, que a partir do momento em que o salário mais alto da empresa significava mais de 10 vezes o salário mais baixo, a empresa estava em perigo. Lembremos que, sob a presidência tida como conservadora de Eisenhower nos EUA, a taxa de imposto sobre as grandes fortunas era de 91%, impensável hoje. Observa-se assim a que ponto as distâncias colossais de renda constatadas atualmente, de um a mil, e até mais, carregam condições de convivência social, seja no interior das empresas, na dos países, seja em qualquer outro sistema, que não



18

podem resistir ao longo do tempo. Existe desmesura no nosso sistema social e também na decalagem abissal entre a economia real e a economia especulativa e financeira. Eu me apoio em um estudo de um antigo dirigente do Banco Central da Bélgica, Bernard Lietaer, bom conhecedor do sistema, que mostrou que, antes do início da crise propriamente dita, havia mais de 3.200 bilhões de dólares trocados no mercado financeiro. Ele mostra que dessa quantidade enorme de transações financeiras, apenas uma ínfima parte — menos que 3% das trocas — corresponde a bens e serviços realmente existentes, ou seja, a economia real. O essencial das trocas se situa na economia especulativa. E esses 97% não são virtuais, como temos o hábito de dizer. Os dólares, os euros, os yens, que aí circulam, têm o mesmo valor que na economia real. Não, a diferença é que esses 97% de trocas financeiras através do mundo representam o que poderíamos chamar de “economia emocional”. O Wall Street Journal, na ocasião do krach de 1987, teve grande venda com o título “Wall Street só conhece dois sentimentos: a euforia e o pânico”. Esses sentimentos continuam válidos para a crise atual. Estamos longe da arbitragem racional, ou

Por uma sobriedade feliz...



dos mecanismos de regulação e controle que se esperaria num mundo baseado na razão.

Euforia e pânico. Isto não lhes lembra nada? Não estamos mais na ordem das economias clássicas, mas bem próximos dos fenômenos psíquicos e psiquiátricos, ou seja, médicos. Quando falamos de psicose maníaca depressiva para uma pessoa, com alternância de estados eufóricos – geralmente excessivos e doentios – seguidos de estados depressivos, estamos mais próximos da compreensão do que se passa nos mercados financeiros do que de análises de otimização racional. Existe aí um movimento que explica fundamentalmente porque Alan Greenspan, antigo presidente do FED, Banco Central americano, repetiu durante anos: “Atenção, existe uma exuberância irracional nos mercados financeiros”. Esta exuberância irracional foi seguida de uma depressão também irracional. Quando o coração da nossa sociedade, e até mesmo de nossa civilização, está tão concentrado no econômico – algo que jamais se produziu na história de nenhuma civilização que nos precedeu – este aspecto obsessivo do financeiro acabou por explodir e projetar nossa sociedade na crise. Quan-

19



20

do no coração da nossa economia se encontra a organização financeira e no coração desta organização financeira se encontram a euforia e o pânico, não é surpreendente que o sistema se torne profundamente insustentável. Se nós apenas acompanhamos o movimento para contabilizar as perdas e esperar por tempos melhores, estamos perdendo tempo. É como se disséssemos a toxicômanos: “Estamos em uma situação tal que vocês poderão ter acesso a drogas duras tanto quanto quiserem nos próximos três meses, mas depois, prevenimos, desde já, nada mais será permitido!”. Estamos mais ou menos nesse tipo de contradição, se tratamos isoladamente a crise financeira.

Existe, portanto, desmesura na relação com a natureza, desmesura no aprofundamento das desigualdades sociais, desmesura na relação entre economia financeira e economia real etc., mas é preciso acrescentar outra desmesura, que não é suficientemente citada: aquela relativa ao poder. Lembrem-se do que se passou há apenas 20 anos: a derrocada do império soviético. Uma verdadeira derrapagem orquestrada dos sistemas totalitários coletivistas. E este último ponto deve ser mantido

Por uma sobriedade feliz...



na memória para que não se reproduzam erros do passado, nos quais à ultra desregulação contrapõe-se o ultra dirigismo. Este movimento pendular não pode ser a solução, pois ele só pode nos levar para a guerra.

Os anos 1930 foram marcados pela existência, no período anterior, de um momento de ultracapitalismo (eu prefiro este termo ao de ultra ou neoliberalismo, pois esses movimentos eram na verdade anti-liberais, em particular nos planos políticos e culturais), ou pelo menos de desregulação, tendendo ao fundamentalismo de mercado. Desse momento, passou-se bruscamente a um excesso inverso: o ultra dirigismo burocrático, e até mesmo totalitário. É preciso levar em consideração os excessos na relação ao poder tanto quanto na relação sem medidas com a riqueza, e também na relação de desmesura com a Natureza. Se nós olharmos apenas a lógica de tomada do poder e até mesmo uma lógica de controle do sentido com fórmulas regressivas que opõem os integristas e os fundamentalistas, elas produzem efeitos de tal forma destrutivos que as consequências para a sociedade são imensas.



Podemos igualmente observar que as fórmulas de representação e de cálculo da riqueza nas nossas sociedades têm sido elementos agravantes da crise que atravessamos atualmente. É preciso ter consciência que, quando temos sistemas contábeis — particularmente um sistema de contabilidade de referência chamado de contas nacionais/públicas e no coração delas um agregado fetiche chamado de Produto Interno Bruto (PIB) — nós temos uma visão muito parcial do que seria riqueza. Esta contabilidade pública nacional é constituída de tal modo que só os fluxos monetários contam. Muitos fluxos monetários podem perfeitamente ser produzidos por uma destruição. As catástrofes naturais, os acidentes, as crises geram fluxos monetários de indenizações, de reparações, de substituição, que são contabilizados positivamente em nossos sistemas de contabilidade. É o que eu tinha chamado, no meu livro “Reconsiderar a riqueza”, de “paradoxo de Érika”, referindo-me ao famoso petroleiro de nome Érika que afundou e poluiu gravemente as costas da Bretanha. Do ponto de vista estrito das contas nacionais, esse acidente foi um produtor de riquezas, pois se considerou os fluxos monetários da substituição do barco na in-



dústria petrolífera, as indenizações pagas pelas seguradoras, os pagamentos feitos às empresas que intervieram na despoluição, tudo foi contabilizado de forma positiva. Em nenhum momento, em nenhuma coluna dessa contabilidade, algum indicador ou um número apareceu para nos dizer: “Atenção! Os valores incorporados à economia foram criados por causa de uma destruição!”. E isso não é específico da indústria petroleira. Eu poderia citar os acidentes automobilísticos nas estradas que geram taxas de crescimento do PIB pelas diferentes ações de reparação, seja dos veículos, seja dos cuidados de saúde com as vítimas, realizados em seguida. E este método de cálculo não é específico da França. Os terremotos de Kobe no Japão foram também uma fonte de aumento do PIB japonês. O mesmo aconteceu com o ciclone Katrina que destruiu Nova Orleans nos Estados Unidos.

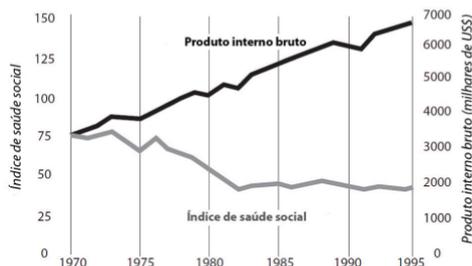
23

Por causa desses fatos, a apresentação do PIB de um país deveria ser realizada com uma certa prudência, com uma extrema precisão e explicações sobre a pertinência de cada dado. Isso evitaria conclusões apressadas sobre progressões e regressões do PIB, que são diretamente associadas à pro-



gressão ou regressão de uma sociedade ou de um país. Na França, por exemplo, muitas vezes, face a um declínio ou progressão do PIB, houve grandes debates sobre o que poderia ser um declínio nacional. Tudo isso se agrava quando o PIB se torna um indicador societal: sem mesmo se dar ao trabalho de verificar as circunstâncias pelas quais o PIB subiu ou desceu, obtém-se uma situação na qual – para retomar uma metáfora marítima – decide-se por uma mudança de direção do navio sem modificar os dados dos instrumentos de navegação, que apontam para o crescimento e o produtivismo. Essa metáfora é muito utilizada nas conferências sobre o desenvolvimento durável, questionando como se pode mudar a direção, se não se constrói

A dissociação riqueza monetária / riqueza social

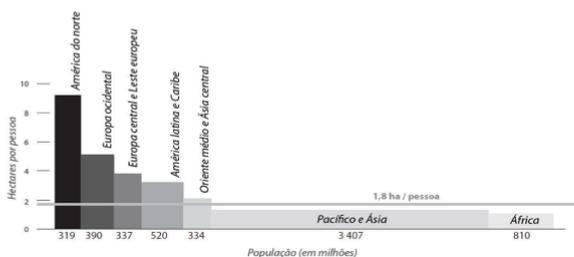


Por uma sobriedade feliz...



novos indicadores de direção. Não apenas “a casa está pegando fogo e nós estamos olhando para o outro lado”, como disse Jacques Chirac, na Cúpula da Terra de Johannesburgo de 2002, como nós estamos conscientemente jogando óleo na casa que pega fogo. Nossas formas de entendimento e de cálculo da riqueza nos incitam a isto.

Os efeitos ecológicos de nossos modelos de crescimento
Pegada ecológica por região



Do mesmo modo, na contabilidade geral das empresas, têm-se normas contábeis que se tornaram um fator de agravamento da crise atual. Tomando-se simplesmente o fato de que os seres humanos estejam sistematicamente contabilizados ao lado das despesas, isto significa um fator relevante da agravação das condições e das dificul-



dades encontradas. Assiste-se assim a um descolamento flagrante entre o produto interno bruto – que continua progredindo ano a ano – e outros indicadores, como os da saúde social, por exemplo. Essas medidas, que vêm sendo tomadas há cerca de 60 anos, evidenciam que existe uma desconexão entre indicadores de riqueza e indicadores de bem estar. Isto é mais evidente em países que se encontram em meio a políticas de desregulação. Tais fenômenos são muito bem representados nas análises das curvas de medidas que se agravaram durante a vigência das políticas de Ronald Reagan nos Estados Unidos e de Margaret Thatcher na Inglaterra, nos anos 1980. Conclui-se assim que nas diferentes desmesuras existentes, algumas são ligadas às nossas formas de ver e de contar

∴ Um sistema que produz desmesura e mal viver

Nosso sistema atual produz bem estar? Infelizmente não. Para perceber isto, basta olhar em torno de nós, mesmo no seio de países ocidentais desenvolvidos, como o nosso. E esta situação não está ligada à crise econômica recente. Que dizer en-



tão da condição humana em certos países da Ásia, da América do Sul ou da África? O mal viver existe em toda parte em nosso planeta. Há algum tempo, em 1998, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) concluiu que dobrando o montante das ajudas humanitárias vertidas anualmente, ou seja, juntando 40 ou 50 milhões de dólares a mais, poder-se-ia dar passos de gigante na luta contra os males vitais da humanidade: a fome, o não acesso à água potável, ou a serviços básicos de saúde. E, surpresa!, ao mesmo tempo em que se concluía que era impossível encontrar tais somas para tais objetivos, descobre-se que dez vezes mais era gasto na época apenas nas despesas de publicidade (400 milhões de dólares). Do mesmo modo, estimava-se que cerca de 400 milhões eram movimentados na economia das drogas (sendo este provavelmente um número subavaliado, haja vista esta economia é largamente subterrânea). Quanto às despesas militares mundiais, elas estavam avaliadas, na época, em 800 milhões de dólares anuais, ou seja, vinte vezes mais do que a soma necessária para proporcionar bem-estar mínimo a todos.

27

Vamos olhar de perto esses três grandes or-



çamentos. O que existe por detrás do negócio das drogas? Salvo casos completamente marginais, quando alguém se droga, é porque não está bem. A economia das drogas repousa, portanto, fundamentalmente, sobre uma economia do mal-estar e do mal-viver. De alguma forma é a economia da compensação do mal viver. O que é que está em jogo, no essencial, no que representavam na época 800 milhões de dólares de gastos com armamentos e que hoje gira em torno de 1,3 bilhões? No essencial, o medo, a dominação e os maus tratos. A parte que se pode entender como protetora nos orçamentos militares, nós sabemos bem, infelizmente, que ela representa a pequena parte congruente do orçamento. O que é mesmo uma guerra preventiva, se não a guerra fundada no medo do outro, que faz com que se faça a guerra para impedir que o outro a faça?. Entra-se assim em um círculo vicioso que é o da corrida armamentista. Trata-se de um eixo do mal-estar e dos maus tratos que nos custam muito caro.

E se nós tomássemos agora o que acontece na publicidade — que, na época, significava 400 milhões de dólares anuais e hoje significa cerca de 700 milhões — o que faz, fundamentalmente, a



publicidade? Cada vez menos informações comerciais sobre os próprios produtos; cada vez menos informações necessárias sobre coisas que de fato necessitamos. Isto quer dizer que não temos publicidade sobre alimentação, sobre a água, sobre cuidados básicos de saúde, sobre moradia. Nós sabemos bem que não são as organizações humanitárias que se beneficiam de grandes campanhas de publicidade. No essencial a publicidade dá voltas no interior de nossas sociedades de consumo. De que falam a maior parte das mensagens publicitárias? É frequente a presença de pessoas agressivas, estressadas, em ambientes feios e decadentes? Claro que não! A publicidade nos promete beleza, felicidade, amizade e até mesmo serenidade, permanentes. Eu me divirto observando certas propagandas de televisão: a última era claramente uma publicidade filosófica e exemplar sobre o que estamos falando. Tratava-se de uma publicidade de um queijo camembert menos industrializado que dizia: “rústico, o gosto do autêntico”, em meio a uma paisagem rural. Quando se está na esfera do autêntico, da serenidade, da beleza, da felicidade, da amizade, do amor etc. de que se está falando? Se tomarmos a linguagem dos filósofos, diríamos



que estamos na esfera “do desejo de Ser”. Porque a beleza, a felicidade, o amor, o sentido, a amizade, etc. estão nessa esfera de desejos. E esse desejo é deturpado para passar uma mensagem subliminar de consumo de outra ordem: da do desejo de ter. As propagandas prometem beleza, felicidade, serenidade etc., com a condição de que você compre o produto. Neste momento, há dois fenômenos que são gerados por esta situação: o primeiro é endereçado à pessoa que pode comprar o produto ou o serviço. Após um tempo de satisfação, a pessoa vai reencontrar a frustração. Evidente. Prometia-se felicidade e autenticidade etc. e vendeu-se de fato um tal produto ou serviço que, na verdade, estão completamente na ordem do ter. Por causa disso há a reação clássica: ah! Provavelmente é porque eu não tenho disso o suficiente! E daí nasce a lógica do “sempre mais”. Esta lógica é comparável à toxicomania, ao vício das drogas. E preciso a cada vez consumir um pouco mais para compensar as frustrações que se sente. Eu me lembro de um palestrante em um colóquio recente que queria falar de “sociedade de consumo” e teve um lapso e falou de “sociedade de consolo”. Todos na sala compreenderam que seu lapso tocava



algo de essencial: efetivamente, uma boa parte da publicidade vem nos reconfortar, nos compensar de uma sociedade que está permanentemente no stress, na velocidade, na frieza. Quanto mais estamos na destruição ecológica, mas temos necessidade que nos prometam beleza; quanto mais estamos no stress e na competição, mais temos necessidade que nos prometam serenidade, amizade, paz, etc. Mais esta consolação é certamente uma ficção, pois é efêmera e pede sempre mais. O que faz com que a frustração se agrave cada vez mais.

31

Ora, a lógica do “sempre mais” não tem como consequência apenas a frustração do consumidor, pois ela impacta também uma parte da população mundial que tem baixa capacidade de consumo. Ao tempo em que uma pequena parte da população humana se consola com um hiperconsumo, cava-se o buraco da raridade que, na verdade, é uma raridade artificial. Elas constituem os problemas fundamentais evocados pelo programa das Nações Unidas para o desenvolvimento: alimentação, falta d’água, de cuidados básicos de saúde e de moradia para os mais pobres.



Quando juntamos financeiramente os gastos desses três elementos: a economia das drogas e seu significado de gestão direta do mal-viver, a economia dos gastos militares que produz ela também o mal-viver, o mau trato e a lógica do medo e, por fim, a economia da publicidade e da comunicação com sua maior parte ligada à consolação do mal-viver e do mal-estar, o que poderíamos fazer de melhor? Talvez pensar que apenas 10% destas somas, produtoras de mal-viver e maus tratos, poderiam ser reinvestidas em economias e políticas de bem-viver. É esta perspectiva positiva que defendem pessoas como Pierre Rabhi e Nicolas Hulot³ quando evocam, sob o nome de sobriedade feliz, o par positivo face ao par negativo da desmesura e do mal viver.

Face à falta de medida, é preciso reencontrar caminhos que não estejam nos excessos, nem na insuficiência. Bruno Parmentier, ao abordar a crise alimentar, mostra, por exemplo, como é possível existir simultaneamente a insuficiência e o excesso: o número de pessoas obesas no mundo hoje é

3. (NT) Pierre Rabhi é um intelectual e agricultor francês (nascido na Argélia) que promove a agroecologia e Nicolas Hulot foi apresentador de um programa de TV sobre a natureza, o Ushuaia, e se tornou político com viés ecológico.



mais ou menos o mesmo que o número de pessoas mal nutridas. A grande questão que se coloca então – e que os gregos já se colocavam – é a alternativa possível à desmesura. Isto remete à capacidade de equilíbrio que corresponde às exigências de sustentabilidade, particularmente de sustentabilidade ecológica do nosso mundo. Mas a busca de equilíbrio e a aceitação de limites é apenas uma parte da resposta à falta de medida. Não pode haver uma aceitação de limites se nós não nos interessarmos também pelo segundo termo do par “sobriedade feliz”, que é a alternativa ao mal-estar e ao mal-viver. Um exemplo que mostra a insuficiência da imposição de limites é o tratamento de toxicômanos apenas com a restrição de acesso às drogas: se a pessoa não pode vislumbrar no sofrimento dessa abstinência uma possibilidade de cura, ela prefere continuar no vício.

33

O que está em jogo na reorientação das nossas economias, das nossas sociedades, das nossas políticas públicas em direção a uma lógica do bem viver, a um desenvolvimento da arte de viver, é que a qualidade de vida, em geral, considerada hoje como questão puramente pessoal e privada,



torna-se então uma questão plenamente política. Este tema corresponde à primeira grande onda relacionada com a crise atual, mas duas outras ondas, ainda mais importantes, serão discutidas a seguir.



/ II /

O fim dos tempos modernos

As duas outras ondas históricas, das quais falaremos a seguir, são muito mais longas e muito mais profundas do que a que acabamos de analisar. Elas permitem compreender melhor o que está em jogo em torno desse “fim de mundo” que se anuncia. Elas permitem igualmente esperar que o fim de mundo não se resuma apenas a isto, mas que seja a ocasião de assegurar elementos de renascimento, de salto qualitativo na história, tanto para nossas vidas pessoais quanto para o conjunto da família humana. É o que se resume muito bem neste famoso ideograma chinês que ilustra a dupla face da crise como um perigo – o que se compreende facilmente – mas também como uma oportunidade.

35

:: Sair da salvação pela economia

A segunda grande onda corresponde ao que podemos chamar de fim do ciclo histórico dos tempos modernos, no sentido da modernidade ocidental, e conduz a consequências comparáveis



à primeira onda da alternativa ao par desmesura/mal-viver, que acabamos de ver. Para compreendê-la, é interessante fazer uso do pensamento de um grande sociólogo, que escreveu, particularmente em sua famosa obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, que a entrada no que foi chamado de modernidade resumia-se a “passagem da economia da salvação para a salvação pela economia”⁴. De certo modo, nós podemos colocar a hipótese de que estamos saindo do ciclo histórico da salvação pela economia: De um lado, porque as promessas da salvação pela economia não vingaram e, do outro, porque os estragos ecológicos, sociais, tecnológicos foram consideráveis durante este período de apogeu do capitalismo.

Toda esta modernidade certamente conduziu a situações melhores, e também a situações piores. Situações piores que se ilustram facilmente na “solução final” de extermínio dos judeus pelos nazistas, no extermínio causado pela bomba de Hiroshima, em uma capacidade inaudita da espécie humana de maltrato, não apenas em relação a ou-

4. (NT) Trata-se de Max Weber, referindo-se ao pagamento de indulgências para se fazer salvar do inferno (economia da salvação) e da crença no progresso econômico.



tras espécies, mas também em relação a ela mesma. Esta lógica mostra bem que a salvação pela economia, com os automatismos que estavam vinculados principalmente ao progresso técnico, ao progresso social, que se previa evidenciar também um progresso moral, não se mostraram portadores dessas consequências no longo termo.

∴ Saber escolher o melhor da modernidade

37

Então, não apenas a salvação pela economia não manteve suas promessas, mas pode-se dizer que a questão da salvação, em sua forma laica, retorna como desafio para a humanidade. Quando somos confrontados pelos desafios consideráveis que estão à nossa frente, dizer que a humanidade pode derrapar no caminho não é ser catastrofista. É exatamente a questão da salvação que se coloca outra vez. Dizemos sempre, por hábito, que é preciso “salvar o planeta”, mas isto é apenas uma forma elegante de contornar o problema. O planeta, a Terra, ela tem seguramente vários milhares de anos pela frente, antes de sua absorção pelo Sol. Ela existiu muito antes da humanidade apa-



recer em seu solo e continuará seu destino bem após a humanidade. O que é preciso salvar, não é o planeta, mas os humanos. E a questão da salvação dos humanos coloca diretamente a questão: como poderemos sair positivamente dos tempos modernos? Qual a saída destes tempos de modo a aproveitarmos o melhor da modernidade? Sair da modernidade pelo seu lado sombrio nós sabemos fazer: os integrismos e fundamentalismos são exemplos. Mas o que significa sair da modernidade pela porta da frente? Significa ser capaz de tirar o melhor da modernidade e fazer o mesmo exercício ao lado das sociedades tradicionais — não ocidentalizadas — que, tanto do ponto de vista histórico quanto geográfico constituem ainda a maior parte das sociedades mundiais.

Vamos tentar fazer essa triagem rapidamente. O que há de melhor dentro da modernidade? Seguramente isto está relacionado a todas as formas de emancipação e a capacidade de se extrair de uma natureza considerada como fatal, a possibilidade de construir o cotidiano em segurança. E, ainda, notadamente face aos fatos religiosos da economia da salvação, a liberdade de consciência, a individuação, que não se reduz necessariamente



ao individualismo. O reconhecimento de que todo ser humano tem sua singularidade e que ele pode exercer sua liberdade de consciência. Os direitos humanos significam isto e saíram diretamente desta liberdade de consciência. E, entre as emancipações humanas da modernidade, uma que representa hoje um vetor fundamental, que é a questão dos direitos das mulheres. Eis aqui um lado bom da modernidade.

Podemos ser interessante fazer uma triagem de nossas práticas que poderiam dar mais chances de sucesso a esta nova civilização que se inicia. O que nós podemos aprender, por exemplo, da segunda guerra mundial e de certa falta de confiabilidade da razão, se pensarmos na bomba atômica ou em Austerlitz? Uma verdadeira barbárie pode nascer no coração de grandes civilizações. É uma primeira lição considerável para a humanidade. Até então, e tradicionalmente na história, os modos de pacificação em relação à violência são feitos do interior para o exterior. Civilizava-se uma comunidade política, um império, um estado, uma tribo, uma cidade, lutando contra um inimigo externo: os bárbaros, os estrangeiros, os infiéis. Ora, pode-se ver bem que este mecanismo de civilização con-



tra uma barbárie exterior levou, na maior parte do tempo, a derrotas terríveis para a humanidade. Mas a pior das barbáries é aquela que se exerce no interior das civilizações. Ela nos ensina, na verdade, sobre um ponto fundamental exatamente nesta época de mundialização. Por que a humanidade está ameaçada? Quem são os novos bárbaros contra os quais temos que nos proteger absolutamente? Devemos nos proteger de extraterrestres que estão prontos a nos invadir? Nós sabemos bem – para além das fantasias cinematográficas – que esta situação não está face a nós, pelo menos nada o indica no momento atual. Então, a humanidade está protegida? Infelizmente não, pois a ameaça vem do interior. A humanidade é ameaçada pela sua inumanidade, pela sua barbárie interior. Eis aqui a primeira lição a aprender: a questão da barbárie, da não civilidade, é interior e não exterior. O par formado pelas guerras mundiais e pelos grandes acontecimentos totalitários na Europa são exemplos.

Abordaremos agora o problema da razão. Se a razão é apenas uma razão mental, instrumental, se ela não é acompanhada pela inteligência do corpo e pela inteligência do coração, que em termos



mais contemporâneos significa “inteligência emocional”, a razão pode perfeitamente chegar ao pior desta barbárie. A shoah, a solução final para os judeus, pode ser considerada como uma empreitada inteiramente racional, perfeitamente programada, perfeitamente calculada. Logo, a razão só pode exprimir sua potencialidade positiva se, como dizia o cientista Pascal, se ela é também uma razão do coração. Fazendo da inteligência emocional não apenas uma questão individual, mas fundamentalmente uma questão coletiva, pode-se evitar o par “ciência sem consciência”, pois esta é como dizia Rabelais, “a ruína da alma”. Nós só podemos utilizar a face positiva da racionalidade moderna se utilizarmos esta face positiva da racionalidade amalgamada com a sensibilidade do coração.

41

Este é o caso para o conjunto de novas tecnologias, sejam elas de comunicação, cognitivas, biológicas, informáticas... Elas só poderão ter uma face positiva se forem trabalhadas simultaneamente em todas as suas facetas. É que chamo de TNTS, as “sempre novas tecnologias de sabedoria”, pois a palavra *techné* em grego significa um vetor, um método, um saber fazer. Não existe razão para que estas tecnologias valham somente para os ob-



jetos, as máquinas, as técnicas materiais. Elas podem também valer, no essencial, para as questões da espécie humana, enquanto questão de sentido, enquanto questão de relações⁵. O que se sabe sobre as novas tecnologias é que elas serão obsoletas em dez ou vinte anos, no máximo, enquanto as tecnologias de sabedoria podem valer mil anos, se ainda existir humanidade. Daqui a mil anos, palavras sábias pronunciadas e escritas há dois mil anos, de Sócrates, Jesus, Maomé, Buda etc. — e cada um escolha de acordo com sua preferência — serão válidas para os humanos da época mesmo tendo três mil anos. Por que isto? Porque estas sabedorias são como os lençóis freáticos fundamentais da espécie humana, porque se referem ao amor, à morte, ao sentido da vida, à vida ela mesma. Recentemente, o Dalai Lama retomou uma das frases mais fortes da sabedoria humana, que já foi dita por muitos outros de outras formas e que evidencia o cúmulo do irrealismo de nossas sociedades atuais: “[...] existem seres humanos que vivem sem saber que eles vão morrer e que morrem sem saber que viveram”. O verdadeiro realismo antropológico, aquele que

5. (NT) Como tecnologias sociais, como se diz no Brasil.



permite combinar as lições da guerra e as lições do caráter redutor de uma razão mental que se priva da inteligência do coração, é este realismo. O de saber que a vida humana é estruturada por nossa finitude e que é fazendo da morte uma aliada ao serviço da audácia de viver que nós poderemos dar um sentido pleno, uma plena energia criadora ao que fazemos de nossas próprias vidas. E o que vale na escala pessoal vale também na escala coletiva. Este é um eixo que o Fórum Social Mundial de Porto Alegre identificou como um eixo chamado TPTS: a transformação pessoal e a transformação social. Elas vão um par, vamos parar de colocá-las em oposição. É preciso fecundar mutuamente estas duas dimensões, pois nós temos tanto necessidade de transformações estruturais colossais para fazer face aos colossais desafios da humanidade quanto de transformações das nossas vidas pessoais.

43

Mas o pior da modernidade, nós o conhecemos bem, é o que chamamos de “coisificação”. Coisificação da Natureza, coisificação dos seres vivos, coisificação dos seres humanos. O que seria a “solução final” se não a forma mais extrema e mais monstruosa de coisificação de seres humanos? Ou-



tra forma de coisificação é aquilo que o prêmio Nobel Joseph Stiglitz chamou de “fundamentalismo de mercado”⁶ no qual as razões econômicas de mercado são consideradas mais importantes do que as razões humanas. Para sair da modernidade ocidental pelo melhor caminho, nós deveremos ser capazes de fazer esta operação de seleção e reconhecer o que existe de essencialmente positivo na modernidade, que queremos preservar, e aqueles elementos que são deploráveis e que outras civilizações têm muita razão em criticar. Nós não poderemos entrar em um diálogo exigente entre civilizações se cada uma não fizer sua própria seleção entre o seu melhor e o seu pior.

6. (NT) Autor, entre outros, de *A globalização e seus malefícios*. São Paulo: Futura Editora, 2002. Durante a crise de 2008, ele afirmou que “[...] a queda de Wall Street é para o fundamentalismo de mercado aquilo que a queda do muro de Berlim foi para o comunismo”.



:: Guardar o melhor das sociedades de tradição

Evidentemente essa triagem seletiva precisa ser feita também do lado das sociedades e das civilizações tradicionais. O que é o melhor das sociedades de tradição? Rapidamente, é possível ver claramente três eixos: uma relação de proximidade com a Natureza, que nós certamente perdemos; relações interpessoais mais fortes e presentes do que nas modernas sociedades individualistas; e uma relação à essência, ou seja, às questões que revelam o sentido da vida, que nossas sociedades, frequentemente mais organizadas em torno do fútil e do profano do que do sagrado e do essencial, certamente perderam. Mas, atrás do melhor das sociedades tradicionais se esconde também um pior sobre o qual devemos ser lúcidos: a relação com a Natureza pode ser também uma relação de dependência e mesmo de alienação; a relação com o sagrado pode ser uma relação também de submissão à fatalidade e pode também ser excludente, já que fora do grupo, da comunidade, da tribo e da igreja não existe salvação. As relações interpessoais fortes e presentes podem também se transformar em um controle social sufocante e tornar impossível



que minorias, e mesmo indivíduos, possam existir diferentemente, em contradição com aquilo que é dominante no grupo social.

46

Esta segunda grande onda histórica, esta de sair da modernidade como economia da salvação, nos faz chegar a outra grande questão. Se a formulamos positivamente, poderemos dizer que a crise – sinônimo do fim do mundo – nos conduz a construir um diálogo de civilizações que é ao mesmo tempo plenamente aberto e ao mesmo tempo plenamente exigente. Plenamente aberto porque não se trata de projetar a modernidade ocidental e a concepção de universalismo como o entendem os ocidentais, com todos os seus efeitos perversos. Nós conhecemos bem na história as práticas imperialistas e as práticas colonialistas impondo modelos. É preciso, portanto, demonstrar abertura, acolhimento e debate com outras civilizações e outras tradições. Mas é preciso estar vigilantes e colocar certas exigências. Não se trata de fazer compromissos mínimos, como os compromissos de Yalta⁷ que se organizassem em detrimento, por exemplo,

7. (NT) Na Conferência de Yalta, de 1945, os três líderes das potências do mundo da época, Roosevelt, Churchill e Stalin, decidiram as bases do pós guerra a partir de compromissos focados em suas prioridades.



do direito das mulheres. Esta concepção de compromisso deixa lugar, facilmente, para expressões do tipo: “Sentimos muito, mas a excisão clitoriana para nós é um traço cultural e vocês, de fora, não têm direito de se manifestar sobre isto”. Para construir uma civilização humana futura é necessário um diálogo de civilizações que seja aberto e exigente, que estabeleça uma paz mundial fundada em uma universalidade que não deriva de um universal imposto, mas de um universal humano que ainda está sendo construído.

47

É evidente que nós temos ainda muito a construir sobre o bom uso dos avanços da modernidade reconhecendo ao mesmo tempo sua face sombria. Nós precisamos também aprender com as tradições sem idealizá-las. E é verdade que a face positiva da modernidade no domínio da agricultura, por exemplo, é bem conhecida. E com todas as formidáveis transformações saídas da revolução verde, a capacidade da Europa e, particularmente de países como a França, de sair de uma situação dramática para produzir excedentes de alimentos é algo a ser comemorado. Os elementos positivos da modernidade são fáceis de ver, mas existe sua face sombria ligada aos



fenômenos de coisificação e às diferentes formas de desumanização, como a redução do conjunto dos saberes locais – não somente na agricultura. Eu trabalhei muito, quando estava na *Cour de Comptes* e levei a cabo uma pesquisa sobre novas formas de riqueza, sobre a forma como o sistema contábil nacional influencia muito concretamente a evolução de certas profissões. E isto ficava particularmente evidente em relação ao saber fazer, às profissões locais. Isto quer dizer que, no momento em que se construiu uma contabilidade nacional com a escolha de valorizar as atividades que estavam sob o modelo da produção industrial, decretou-se que não havia valor econômico naquilo que não se aproximava desse tipo de atividade. Se tomávamos o conjunto das profissões locais, os saberes ecológicos ou de preservação da natureza eram desconhecidos para os contadores nacionais. Todos os recursos ecológicos não somente não eram visíveis nos nossos sistemas contábeis, mas apareciam favoravelmente apenas quando estavam em vias de desaparecimento ou de poluição. É preciso compreender que, neste sistema contábil, um bem que tem a infelicidade de ser abundante e gratuito – como o ar e a água – não tem qualquer valor econômico.



Por outro lado, a água, por exemplo, adquire valor econômico quando, por causa de sua poluição, torna-se necessário construir uma usina de tratamento ou implantar uma fábrica de água mineral. Nesse tipo de contabilidade nacional, todas as profissões que implicam em funções ecológicas são esquecidas; todas aquelas funções que enriquecem os laços sociais ou favorecem a organização do território simplesmente não aparecem. O impacto desta modernidade no domínio da agricultura, por exemplo – em paralelo aos efeitos positivos em termos de produção de alimentos da chamada revolução verde – conduziu também à poluição dos lençóis freáticos ou à desertificação do campo. A questão que continua a ser posta é “como sair disto enriquecidos? Se tratamos simplesmente de dizer “vamos retornar aos modos de vida rural do período entre as duas guerras mundiais”, vemos que daremos diretamente com a cara no muro. É preciso ser capaz, portanto, de utilizar o que há de fundamentalmente positivo na modernidade, mas guardando a capacidade de escutar. Escutar ao mesmo tempo os humanos e, principalmente, aqueles que não são apenas agricultores, mas camponeses, plenamente investidos nos ofícios locais, e escutar também



50

a Natureza. Soluções existem e eu lhes lembro do livro de Bruno Parmentier, *Nourrir l'Humanité*⁸. Quando se toma, por exemplo, o papel essencial das minhocas, compreende-se melhor a necessidade de respeitar o solo. Um solo vivo é um solo que tem minhocas, estas vidas subterrâneas que fazem aí um papel absolutamente essencial. Nós não poderemos realizar esta operação de renascimento da civilização humana se não escutamos também o melhor dos saberes tradicionais. Se estamos na postura dominante de dizer que “eu, o especialista, vou lhes contar como se faz a revolução verde”, evidentemente estamos passando ao largo desses elementos. Eu penso que nós temos a consciência hoje que uma grande parte do futuro da humanidade está vinculado ao modo como cultivamos a terra, não só para enfrentar a fome, mas também pelo número considerável de agricultores familiares que existem no mundo. Então, a capacidade de usar o melhor da modernidade e ao mesmo tempo encontrar o melhor dos saberes tradicionais e do respeito pela Natureza é uma capacidade realmente essencial.

8. Alimentar a Humanidade, ainda não publicado no Brasil. Trata da penúria alimentar que grassará no século XXI se medidas não forem tomadas.



Eu tive a sorte de participar de um encontro antecipador na Índia em torno da ideia de uma “aliança por um mundo responsável e solidário”. Este encontro foi organizado durante uma semana como um painel de humanidade girando em torno do pior e do melhor de cada experiência de diferentes culturas. Alguns exemplos sobre estas trocas de experiências: Perguntava-se a cada um “O que lhe parece melhor na cultura dos outros?”, “O que você apreciaria adotar dessa cultura?” Estas questões simples permitiram a europeus e norte-americanos constatarem coisas do tipo “nós perdemos a relação de respeito aos mais velhos que existe na África; nós temos idosos em nossas sociedades, mas os consideramos como um peso, enquanto em outras sociedades é uma sorte ter pessoas mais velhas. Isto tanto significa que a esperança de vida está aumentando como que está acontecendo um acúmulo de experiência, de memórias, de sabedoria e de capacidade de transmissão desses conhecimentos para a sociedade. Vemos então algo que gostaríamos de reaprender, que nos seria útil”. Após esta primeira rodada para identificar o que havia de melhor na organização de diferentes sociedades presentes no encontro, nós cons-



52

truímos uma espécie de mosaico com o melhor da humanidade. E como cada um tinha sido reconhecido positivamente naquilo que tinha de melhor, cada pessoa presente pode “baixar a guarda” para passar à questão mais difícil – à questão “do pior” de cada sociedade. Mas a questão colocada não foi “o que você acha que existe de pior na organização social e na tradição dos outros” e sim de sua própria civilização. O fato de poder ter visto e ter expressado antes o melhor de sua própria sociedade por outros participantes e ter podido discutir sobre isto permitiu – e sigo o exemplo africano – que mulheres africanas se exprimissem sobre a excisão clitoriana. Certamente haveria um sentido diferente se fossem homens não africanos que estivessem exprimindo a mesma coisa, pois haveria a suspeita de que se tentaria passar concepções ocidentais de vida para o contexto africano. Vê-se, então, que este diálogo de civilizações pode ser ao mesmo tempo aberto e exigente. E que podemos retomar um elemento que está em ressonância com aquilo que a primeira onda aqui comentada pode nos ensinar sobre o bom uso dos limites, mas de um bom uso articulado com a ideia do bem viver, com uma arte de viver, com uma qualidade

Por uma sobriedade feliz...



de vida. Este é um dos lugares destacados onde as sociedades tradicionais têm muito a nos ensinar. É significativo que, durante o Fórum Social Mundial de 2009, que aconteceu na Amazônia, em Belém, os povos indígenas tenham trazido um dos temas mais importantes do evento: o tema do bem viver.

Existe um verdadeiro fenômeno de ressonância entre estas duas ondas, mesmo se a segunda onda é mais ampla e, portanto, tem um peso histórico mais profundo.

53

:: Alguns exemplos bem sucedidos

Pode-se dizer que todos os grandes momentos de bifurcação na história da humanidade foram caracterizados pela existência, de um lado, de aspectos caóticos regressivos, frequentemente guerreiros, e do outro lado, de aspectos de renascimento, de criatividade renovada. Antes mesmo da história humana propriamente dita, o processo de hominização já é um aspecto desta natureza. Parte-se de algo que é paradoxal: no universo da vida e, particularmente daquele dos animais, o humano, *a priori*, tem muitas dificuldades face aos outros animais:



ele é menor, corre mais devagar, não voa, não nada etc. Paradoxalmente, apesar disto, ou, pode-se dizer que é por causa desta situação de vulnerabilidade do homínídeo que o caminho para a consciência se abre. Existe aí uma mutação que é de ordem biológica e que vamos encontrar no seguimento da história humana como mutações históricas.

54

Se tomamos os grandes momentos, como o Renascimento, pode-se ver que o fim da economia da salvação em suas diferentes manifestações deu espaço a uma lógica de emancipação. Nós estamos aí no melhor da modernidade, em uma época em que não se tinha visto o que era o pior desta modernidade. Se tomamos o exemplo do nascimento do amor romântico, ou seja, do momento de ação dos trovadores, em que a questão de uma nova relação amorosa, de uma relação amorosa pacificada em face das lógicas frequentes de dominação nas relações homem/mulher, ou de lógicas de conquistas sexuais. Em que momento o amor romântico vai nascer? No coração das guerras de religiões, como uma alternativa de vida às guerras de religião.

Freud, no texto “O mal-estar da civilização”, contrapõe uma força de vida chamada Eros às pul-

Por uma sobriedade feliz...



sões de morte, identificadas como Tanatos. Estes símbolos se encontram nos períodos críticos da história da humanidade nas quais se pode ver a força de vida reaparecer. Esta força de vida pode ser encontrada também face a este formidável desastre humano, material, moral e espiritual, que foi a segunda guerra mundial. A palavra “Apocalipse”, escolhida como título de uma série televisiva sobre a segunda guerra mundial, teve seu sentido completamente deturpado. Apocalipse não quer absolutamente dizer destruição, catástrofe generalizada, fim do mundo... Apocalipse, na sua origem grega quer dizer “revelação”. Nos grandes momentos históricos, o que é essencial aparece com clareza para as sociedades humanas. A grande questão é como nós identificamos as potencialidades criativas desses momentos, no sentido original do termo, e não no sentido catastrófico. A humanidade está vivendo um momento apocalíptico no sentido de que ela deve se revelar a si mesma sobre o que é essencial. E as três questões: o que nós vamos fazer do nosso planeta, o que nós vamos fazer de nossa espécie e o que nós vamos fazer de nossas vidas são por excelência as questões fundamentais que aparecem. Se nós não as respondemos ou se nós as



respondemos de forma regressiva, nós arriscamos perder o caminho. Mas, inversamente, se encararmos profundamente estas questões e tentamos respondê-las positivamente, graças à inteligência coletiva, não apenas mental, mas também com a inteligência do coração, o salto qualitativo é positivo e possível.

56

∴ Da economia da salvação a salvação pela economia

Como sempre, quando há uma grande bifurcação histórica, é interessante identificar este momento, este contexto de passagem. Como exemplo, podemos citar quando, na cristandade da Idade Média, passou-se do que se chamou depois de “economia da salvação” para um novo modo — “a salvação pela economia”. Nesta bifurcação histórica, há coisas muito interessantes que podem nos servir para viver mais sabiamente nossa situação atual. Tomarei dois exemplos sobre os quais trabalhei quando estava na *Cour des Comptes* e fui convidado a me debruçar sobre uma nova abordagem da riqueza para o Secretariado de Estado da Economia Solidária.

Por uma sobriedade feliz...



Primeiro exemplo: na chamada economia da salvação, a questão mais importante era justamente a questão da salvação, ou seja, aquilo que permitiria evitar a danação eterna. Antes da invenção do purgatório – que aconteceu entre os séculos XI e XII, como assinala o historiador Jacques Le Goff – existia uma sociedade construída sobre três características principais. Primeiro, a duração da vida na terra era breve e difícil. Segundo, todos acreditavam solidamente na vida após a morte. E terceiro, esta vida após a morte estava estruturada de forma binária: danação ou paraíso. Resultado: a única questão que valia na vida carnal era “como se preparar para a vida após a morte evitando a danação eterna?” “O que era necessário para tomar a direção do paraíso?” Alguns indicadores. E como podemos chamar um sistema que contém indicadores organizados? Isto se chama contabilidade. Vivia-se assim dentro de uma contabilidade da salvação. E o que existia dentro da contabilidade da salvação? Duas colunas que estão na origem de nossas contabilidades atuais: de um lado, uma coluna das perdas, composta essencialmente dos pecados; no outro, uma coluna de ganhos, onde ficavam os benefícios. Em latim *benefacio* quer di-



zer “fazer o bem”. Na coluna das perdas/pecados, é interessante ver — sobretudo em nossa época em que a especulação financeira tem provocado devastações na economia — que, na gradação dos pecados, os mais graves, os mais “mortais”, não eram o adultério, a luxúria e nem mesmo o assassinato, mas o empréstimo a juros. E por que isto? Porque o empréstimo a juros representava a blasfêmia suprema. A ideia de que o dinheiro pudesse se multiplicar no tempo que passa implicava pretender que o dinheiro seria igual a Deus. Ora, só Deus cria no tempo. Os usurários,⁹ que queriam evitar a danação eterna, teriam que dar à Igreja a parte do seu rendimento que era entendida como sendo um abuso. Esta parte era o lucro que não provinha do serviço que ele tinha prestado a quem lhe pedia dinheiro, mas dos juros compostos, ou juros sobre juros, que significava o dinheiro se multiplicando. Em termos modernos, o emprestador tinha o direito de guardar e transmitir em herança a parte do dinheiro que ele havia ganhado por fazer a intermediação financeira, que era entendida como um serviço real, efetivo. Tudo o que provinha dos juros

9. (NT) Como se chamava na época o que hoje se chama de agiotas e mesmo de banqueiros.



compostos, o dinheiro se multiplicando sozinho, deveria ser doado para evitar a danação eterna.

A questão da contabilidade da salvação é particularmente importante numa época em que reflexões sobre a especulação financeira estão em andamento. As respostas dadas pelo grupo de trabalho dirigido por Joseph Stiglitz¹⁰, prêmio Nobel de economia, vão no mesmo sentido do que já mostrei aqui: os sistemas contábeis atuais são inadaptados à realidade.

59

Estamos novamente confrontados com um real problema de contabilidade. Nossa nova contabilidade faz face aos desafios cruciais da humanidade em relação aos novos riscos – que não são mais os riscos da danação eterna – mas riscos de perda de humanidade na sua relação com ela mesma e com a Natureza. A eventualidade da humanidade se perder, seja destruindo seu nicho ecológico, seja destruindo-se a si mesma, se verifica no problema, por exemplo, das armas de destruição em massa que hoje são mais preocupantes que na

10. Joseph Stiglitz, ex chefe do Banco Mundial e atualmente um crítico desta instituição. Ele dirige, a pedido do presidente Sarkozy, a “Comissão de trabalho sobre as medidas de performance econômica e de progresso social”, composta por outros quatro ganhadores do prêmio Nobel, entre eles Amartya Sen.



época da guerra fria por causa da sua proliferação descontrolada.

60

Todos esses elementos nos incitam a pensar que nós temos necessidade de outros indicadores, de outros sistemas contábeis, para saber em que direção estamos indo. Nós temos necessidade de limiares de alerta, particularmente de limiares de insustentabilidade, que falem dos riscos ecológicos de cada ação, dos riscos de penúria de matérias primas, dos riscos alimentares de grande magnitude... Por outro lado, é importante que conheçamos a forma como progrediremos nas direções que nós teremos fixado. Por exemplo, as direções de um desenvolvimento humano realmente sustentável. São estas noções que merecem ser integradas nas nossas contabilidades.

∴ A moeda da salvação

Outro ponto muito interessante da economia da salvação é a moeda da salvação. E a moeda da salvação é a indulgência. O escândalo das indulgências esteve na raiz da reforma protestante, pois elas representavam justamente uma moeda que permi-

Por uma sobriedade feliz...



tia negociar a relação da pessoa com a salvação e com a vida após a morte. E de pagar, através delas, seus pecados. Ora, se estes pecados fossem pagos com benefícios no sentido original, como “fazer o bem”, tudo se passaria corretamente com este sistema de compensações. A partir do momento em que se assistia a uma comercialização de indulgências chegou-se a uma situação intolerável. Já nessa época o papado tinha grandes necessidades financeiras e teve a ideia de encher seu caixa no mercado das indulgências. Enorme escândalo ético, religioso e espiritual. E foi nessa fratura que nasceu a reforma protestante.

61

E vocês não veem semelhanças de nossa situação contemporânea com este tráfico de indulgências? Não diz nada a vocês esses novos pagamentos dos pecados quando o nosso ministro tenta também encher o caixa do Estado? E o que seria a “permissão de emitir poluição”? e o *green washing*? e a empresa ética? A cada vez que se trata de exprimir no plano publicitário as situações que permitem esquecer uma realidade oposta ao que a comunicação apresenta, podemos nos considerar novamente no plano do tráfico de indulgências.



/ III /

Mudar três vezes de era

62

Abordemos então esta terceira grande onda. Ela se situa na convergência de três mutações consideráveis que desencadeiam três perguntas fundamentais, cada uma significando um verdadeiro encontro da humanidade com ela mesma e o seu futuro. Por razões pedagógicas e para jogar com a sonoridade das palavras em francês, “eu diria que três mutações correspondem a três mudanças de erres¹¹. Escutaremos a letra “erre”, portanto, ao mesmo tempo no sentido da mudança de *ar*, ou seja, o desafio ecológico, no sentido da mudança de *área*, ou seja, na relação com o território e, por fim, no sentido de *era*, querendo expressar uma mudança de época histórica.”

11. (NT) a palavra Era, em francês (ère) tem a mesma sonoridade cheia de erres das palavras área (aire) e ar (air).



:: A mudança de ar: o desafio ecológico

O desafio ecológico da mudança de ar desemboca em uma questão absolutamente radical: “O que nós vamos fazer do nosso planeta?” Como já desenvolvi anteriormente, vou retomar o tema para lembrar duas noções: uma, a desregulação climática atual é causada em grande parte pela ação humana e esta desregulação se acelera cada vez mais por causa da nossa feroz bulimia pelo carbono. Corremos o risco de pagar muito caro por isto. Por outro lado, somos nós que, direta ou indiretamente, colocamos em risco a biodiversidade do planeta, dia após dia, através das mudanças climáticas. É possível ver com clareza, já que estamos em uma escola de agricultura, que estas duas evoluções trazem o risco de dificultar fortemente nossa capacidade de alimentar a humanidade ao longo do século XXI.

63

:: A mudança de área: a relação com o território

A mudança na nossa relação com os territórios é primeiramente marcada pela emergência



64

de um território mundial, com este famoso debate sobre a globalização. A forma mais positiva de considerá-la é em princípio abordá-la pelo ângulo da mundialização. Ao invés de fazê-lo simplesmente como uma projeção da concepção da modernidade ocidental, pode-se fazê-lo em uma perspectiva de construção de uma mundialização comum ao conjunto das sociedades humanas. Cada uma pode dialogar com as outras, embora isto ainda seja um modo de dizer, pois para tal é preciso em princípio estarmos conectados e falarmos uma língua comum. Precisamos refletir sobre o fato de que a língua mais comum que temos hoje, o inglês, é precisamente aquela com a qual se tenta veicular a nossa modernidade, nosso pensamento único ocidental...

A mudança de área é também o nascimento desses novos territórios virtuais que fazem com que, através das tecnologias de comunicação, nós possamos estar muitas vezes mais próximos de pessoas que vivem a dez mil quilômetros de nossa casa do que de nossos próprios vizinhos. Existe algo de perturbador nessa mudança atual na relação com o território, que não é mais contínuo...

Por uma sobriedade feliz...



Um terceiro aspecto é a relação com as localidades, com as raízes culturais: seja qual for o local físico no qual estejamos hoje, nós podemos trazer nosso território de referência conosco. Cria-se assim, cada dia, novas solidariedades locais, novos objetos simbólicos de transição nesse local, a começar pela alimentação – à qual vocês são muito sensíveis por pertencerem a uma escola de agricultura. Esses produtos alimentares trazidos de outras localidades alimentam a alma ao mesmo tempo que ao corpo e nos religam a uma localidade escolhida livremente, na qual nós mergulhamos nossas raízes: vinhos, queijos, frutas etc.

65

∴ A mudança de era: a mudança de época histórica

A mudança de era corresponde a uma mudança de época histórica que nos faz entrar não somente na mutação informacional, que foi chamada de revolução da inteligência, mas também na revolução genética em geral e da manipulação genética dos seres humanos, em particular. Isto significa uma mudança de época histórica ainda



mais profunda, pois a última mudança histórica dessa natureza foi a passagem do paleolítico para o neolítico. Nessa época, nós passamos de situações na qual estávamos numa relação de submissão à vida natural para uma situação de transformação da Natureza, graças particularmente à invenção da agricultura. Hoje não se trata mais simplesmente de intervenção sobre formas de vida outras, mas sobre a vida humana especificamente, de mutações na espécie. Nós presenciamos um fenômeno no qual as transformações são particularmente amplas. Se na última grande mudança de era passou-se da caça e da colheita de frutos da natureza para a agricultura e a pecuária, no processo atual, com a entrada da engenharia genética passa-se não somente para a intervenção sobre os produtos agrícolas e animais, mas também estamos saindo da submissão humana à sua forma natural para a modificação genética da espécie. Ainda que isto tenha aspectos positivos, como nas possibilidades terapêuticas que se abrem, os aspectos negativos são dramáticos e colocam problemas éticos consideráveis. A possibilidade da clonagem é apenas a face mais visível, mas a possibilidade, por exemplo, de fabricar quimeras a partir da engenharia genética



causa também muitas interrogações. Sobretudo, como lembrava Rabelais, se não soubermos aliar uma qualidade de consciência com o progresso da ciência. Do mesmo modo que a mudança de ar, representada pelo desafio ecológico, conduz à questão radical “o que nós vamos fazer de nosso planeta”, a questão maior da mudança de era ligada à revolução dos seres vivos nos coloca a questão “o que vamos fazer de nossa espécie?”.

Penso que estamos na situação em que a humanidade deve sair da idade da pedra. Eu lembro que *lithos*, em grego, quer dizer pedra. Quando se fala de paleolítico, a pedra antiga, ou de neolítico, a pedra nova, estamos falando sempre de idade da pedra. Na época do paleolítico, nós utilizávamos a pedra talhada como ferramenta primeira de trabalho ou de caça. O neolítico corresponde à entrada no sedentarismo e à época da agricultura, que vem substituir o nomadismo. De certa forma, um dos grandes desafios da humanidade é de sair da idade da pedra. E para sair da idade da pedra, é preciso trabalhar esta estrutura desequilibrada que chamamos erradamente de *sapiens sapiens*, que é, como vocês sabem, nossa família biológica. O filósofo e sociólogo francês Edgar Morin fez um dia a



seguinte provocação ao mesmo tempo humorística e séria: “[...] Seria melhor se a chamássemos nossa família humana de *sapiens demens* e não de *sapiens sapiens*, pois, se é verdade que somos sábidos, nós estamos longe de sermos sábios”. E na maior parte do tempo nós somos até meio dementes. É pelo fato de existir demência na família humana que nós temos, graças a explosão de nossos conhecimentos, a capacidade de compreender a estrutura do átomo, mas também de fabricar armas nucleares. Então, se há em nós este lado *demens* é preciso enfrentá-lo, pois as consequências de exprimirmos nossas emoções desequilibradas com um cassete não é a mesma de utilizarmos para tal uma arma nuclear... O grande desafio da humanidade que termina com aquilo que chamo aqui de terceira onda, é “Como efetivamente esta família humana de *sapiens demens* – que somos ainda em grande medida – se dá os meios de tornar-se efetivamente *sapiens sapiens*?”



∴ O que vamos fazer de nossas vidas? Ser o arquiteto do projeto da sua própria vida?

O que nós fazemos de nossa própria vida? Esta questão complementa as duas questões precedentes, o que vamos fazer do nosso planeta e o que vamos fazer de nossa espécie. Esta questão nos remete a algo absolutamente crítico que é a capacidade da humanidade de encontrar-se consigo mesma. Ela nos liga a uma das consequências da revolução da inteligência e de tudo que é vivo. Ela interpela as mutações do trabalho, para colocar não apenas a questão de “o que fazemos na vida?”, que é o trivial no nosso cotidiano, para colocar cada vez mais a questão “o que fazemos de nossa vida?” Esta interrogação, no seu sentido mais forte, nos leva a perguntar sobre nossas vocações, sobre o que sabemos fazer e sobre a questão da nossa profissão. Três termos que não podem se reduzir a um.

69

Algumas informações adicionais sobre a questão do trabalho e do emprego antes de voltar ao encontro crítico da humanidade com ela mesma através da passagem do *homo sapiens demens*



ao *homo sapiens sapiens*. Quando se toma a palavra “ofício”¹², vê-se que ela se construiu através de duas palavras latinas: *ministerium*, o ministério, que significa “o serviço” e da palavra *mysterium*, ou mistério. Contarei a vocês uma história engraçada sobre isto: Eu tive uma vez a ocasião, em um colóquio com um ministro, de dizer “a palavra ministro quer dizer serviço e vem da raiz latina *minus*, menor”. E como, felizmente, tratava-se de um ministro que tinha humor, Calude Bertalone, que acolhia no momento um outro ministro, Daniel Vaillant, ministro do Interior, ele o recebeu com os seguintes termos: “Patrick Viveret acaba de nos dizer que ministro vem de *minus*, o que nos explica muito de nossas dificuldades atuais”. Um ofício é, portanto, um ministério no sentido de serviço e é ainda um ministério misterioso. Se estamos em relação com a Natureza, de transformação de elementos naturais, ou seja, de ofícios manuais, ou se estamos na relação com os outros, nos ofícios relacionais, trata-se sempre de um acesso aos mistérios do Universo e do outro. A palavra ofício é uma palavra muito forte que não tem nada a ver com

12 (NT: em francês, *métier*)



uma palavra pobre como emprego. É uma palavra que nos envia a uma outra muito forte que guardou até hoje o mesmo sentido: a vocação.

A palavra vocação nos envia ao eixo do projeto de vida, e esta é a mesma origem da palavra profissão, antes de sua acepção mais tecnicista. Hoje, quando se diz que se vai profissionalizar uma determinada área, isto significa apenas estandardizar ou tecnicizar algo. Mas *professare* é a mesma raiz de profecia e é necessário que estejamos engajados com aquilo que professamos, sempre no sentido do projeto de vida, para responder a questão: “que vamos fazer de nossa vida?” E não simplesmente “o que fazemos na vida?” Esta última questão não é de natureza cultural ou civilizacional, ela é de natureza econômica. Se continuamos a raciocinar simplesmente nas categorias clássicas de emprego ou função, nós vamos assim rapidamente raciocinar no nível dos BRICs: o Brasil, a Rússia, a Índia e a China têm a possibilidade de serem as oficinas do mundo, os escritórios do mundo e as usinas do mundo. Se nosso raciocínio se limita à ideia de que emprego é uma oferta de empresas e que esta oferta está ligada ao grau de empregabilidade das pessoas, nós iremos mais e mais em direção ao de-



semprego mundial em massa, com todos os efeitos dramáticos que isto pode trazer. Estamos no momento de tomar esses termos de outra forma: o do senso forte dos termos ofício, vocação, profissão, que consiste em dizer que todo ser humano tem pelo menos um ofício de base, um ofício matriz do qual todos os outros dependem: o ofício de ser mestre de obra, mestre de obra de sua própria vida. E faz parte do interesse de toda a sociedade de que este ofício seja detectado e, em seguida, realizado em boas condições, pois um ser humano que não consegue ser mestre de obras da sua própria vida não somente destrói a si mesmo como os efeitos colaterais do fato dele não ser autor do projeto de sua própria vida acabam por custar caro à sociedade.

É preciso que nos tornemos *sapiens sapiens*

Eu volto à minha história de *sapiens demens* e de *sapiens sapiens*. A demência se caracteriza justamente pela desmesura já evocada antes. E o grande problema da humanidade é que a maior parte das dificuldades que ela encontra são efeitos colaterais de sua parte *demens*. Nós somos sabidos, mas sabidos delirantes, sagazes desequilibrados.



O resultado é bem conhecido dos neurologistas: emocionalmente falando, nosso cérebro límbico, sede de nossas emoções, fundamentalmente não mudou desde a época do homem de Neanderthal, o *homo sapiens*. Esta é a razão pela qual, em certas visões trágicas sobre o futuro da humanidade, existe a hipótese de que o Homem, chegando a certo nível de desenvolvimento tecnológico e científico, sem que este seja acompanhado de maturidade emocional, tenda a se auto-destruir. Nós não podemos evitar de pensar que a mais terrível ameaça que pesa sobre a humanidade inteira — sua própria autodestruição — pode não ser evitada se não elevarmos o nível da consciência ao da ciência atual. Esta questão é mais atual que nunca.

73

A humanidade não poderá encarar seus desafios históricos se ela se contentar em ser sábia apenas em termos de uma formidável capacidade de desenvolvimento e de intercomunicação de saberes — com tudo que isto traz em termos de progressos técnicos e científicos. Ela deverá ser capaz também de construir elementos de sabedoria na relação com os outros e com a Natureza. É preciso trabalhar com o que é mais difícil em nossa



própria humanidade, pois precisamos lembrar que “nós somos animais, mas animais conscientes”.

Analisemos cada uma destas características: Nós somos animais, isto é certo, mas animais que nascem em um estado de imaturidade e de vulnerabilidade que nenhum outro animal conhece. Nenhum outro mamífero, por exemplo, leva tanto tempo quanto nós para alcançar sua capacidade de autonomia. O geneticista e biólogo Albert Jacquard diz sempre que “[...] a solução que a evolução encontrou para nos fazer nascer com nossa grande cabeça e nosso grande cérebro sem aumentar a bacia das mulheres foi a de nos fazer nascer antes da hora”. Mesmo quando nascemos de nove meses na realidade, nós nascemos antes da hora, pois somos prematuros físicos, mas também prematuros psíquicos. O pequeno humano que nasce está em um estado de dependência total em relação ao seu meio. Em princípio em face de sua própria mãe: a primeira forma de resposta a esta vulnerabilidade será aquilo que os gregos clássicos chamaram de porneia. Nós conhecemos da porneia o sentido tradicional de fornicação, que dará nascimento à ideia de pornografia. Mas é interessante descobrir outro sentido para esta palavra na gradação das defini-



ções gregas de amor. Segundo o teólogo Jean Yves Leloup¹³, um tipo de amor glutão, de amor absorção, que exprime a dependência do recém nascido com sua mãe. Nos dois casos é a recusa da alteridade que caracteriza a porneia, quando se reduz o outro ao estatuto de objeto sexual, ao destino de ser “absorvido”. A alteridade aparece, no entanto, com Eros e suas outras manifestações: a Storgê, amor ternura, a Philia, que nos lembra a amizade e depois uma forma de amor superior, chamado Ágape, que é uma capacidade de qualidade relacional tal que nos aproxima do dom incondicional. Mas o primeiro nível que nos interessa aqui, é equivalente à fusão e à aquisição! Seria “eu estou em uma relação de fusão e absorção tal em relação ao ser do qual eu sou dependente que ao mesmo tempo eu o faço dependente de mim”. Enquanto somos recém nascidos, não incomoda que estejamos no nível da porneia, porém, quando nos tornamos adultos, o fato de continuarmos atados ao estado da porneia se torna problemático. Todas as formas possessivas de relação, todas as formas que consideram o outro como minha propriedade e que, consequentemen-

75

13. O Essencial no Amor – as diferentes faces da experiência amorosa (com Catherine Bensaid). Petrópolis: Vozes, 2006.



76

te, fazem com que eu não reconheça plenamente sua alteridade vão produzir estragos consideráveis e vão, retomando outra expressão de Edgar Morin, fazer com que eu me mantenha na programação de funcionamento “eu competitivo” ao invés de passar para o programa “eu cooperativo”. Nós somos efetivamente animais, mas animais particulares, vulneráveis fisicamente e psicologicamente, particularmente nos primeiros tempos de nossas vidas. Nós devemos pensar nossa humanidade como um caminho possível de ser ampliado para que saíamos desta vulnerabilidade e passemos deste amor glutão, deste amor possessão, para sermos capazes de reconhecer o outro, e de existir plenamente, eu mesmo, sem negar a existência do outro. Este é um primeiro desafio colossal, que nos levará à passagem do *demens* ao *sapiens*.

O segundo elemento desta passagem é que nós somos animais conscientes. Conscientes, significa, antes de tudo, sermos conscientes de nossa finitude. O momento que os paleontólogos identificam como período do surgimento da nossa família humana é o momento em que se descobrem as tumbas. É quando emerge a consciência da morte

Por uma sobriedade feliz...



que se pode dizer que reconhecemos realmente nossa família, uma família particular. Em seguida pode-se perguntar: o que é esta consciência? É a consciência da separação. Se estivermos em uma perspectiva de crenças, a consciência pode ser encarada como um presente fenomenal, uma capacidade de transcendência. Se estamos em uma perspectiva agnóstica, podemos dizer que este é um presente que a natureza faz a si mesma. Porém, o presente pode se tornar rapidamente envenenado, pois a consciência cria uma distância em relação ao Universo e à Natureza, e uma distância em relação ao outro. Quando começo a existir de maneira singular, distinta dos outros, eu me distancio também de mim mesmo. Eu entro numa espécie de diálogo comigo mesmo. Se este diálogo é pacificado, isto é uma boa notícia. Se estou eu mesmo dentro do mal-estar e do mal-viver, o diálogo pode ser extremamente guerreiro, e isto amplifica a fonte do mal-viver não apenas para mim mesmo como para os demais que têm relação comigo.

77



:: O desafio egológico precede ao desafio ecológico

78

Imaginem que, por um passe de mágica, nós tenhamos a possibilidade de dotar uma garrafa plástica de água mineral de consciência! O que se passaria? Ela começaria a pensar: de onde eu venho? Aonde eu vou? Há outras garrafas de água na sala? Eu sou a mais bonita? Esta é a construção do ego. Esta separação do ego, que nós poderíamos chamar de desafio “egológico”, é muito mais difícil de tratar do que o desafio ecológico. E podemos dizer que grande parte dos estragos ecológicos são oriundos do desafio egológico. A consciência é capaz de criar esta separação, mas também de reunir o que separa. Então, como fazer bom uso deste presente extraordinário que permite a humanidade transformar sol em consciência? Fundamentalmente, todas as formas de energia que utilizamos, inclusive as energias fósseis, no princípio eram energia solar. E nossa sociedade usa esta energia para viver e, no final, para pensar. Nós temos, então, esta faculdade extraordinária de “transformar sol em consciência”. Mas, para exercer plenamente esta faculdade, é preciso que sejamos capazes de sair desse estado de possessão e separação, na qual

Por uma sobriedade feliz...



a consciência nos coloca, para construir uma relação positiva e pacificada em relação à Natureza, aos outros e a nós mesmos. E como dizem todas as tradições de sabedoria, a qualidade de nossa relação com os outros é diretamente dependente da nossa relação conosco mesmos. O famoso “ame ao próximo como a si mesmo” é um elemento que se pode encontrar em todas as sabedorias do mundo.

∴ Da humanização biológica e cultural à humanização afetiva e espiritual

79

Vamos tentar agora reunir as três ondas sobre as quais falamos até aqui: a onda da relação desmesura/mal viver, que nos conduz a buscar a pista positiva da sobriedade feliz como uma articulação entre a aceitação dos limites e a busca da arte de viver e do bem viver propriamente dito. A segunda: “Como sair da modernidade pela porta da frente?” com a exigência de um diálogo de civilizações, aberto e exigente, no qual a questão do bem viver será central. E a terceira, “a saída da idade da pedra da humanidade para entrar em uma idade que seja a idade do coração”, quer dizer, a idade na



qual a capacidade de nossa inteligência mental se nutra ao mesmo tempo daquilo que as tradições de sabedoria chamam de inteligência sensível, que seria a sábia mistura entre a inteligência do corpo e a inteligência do coração.

80

Neste instante, nós vemos bem que a questão da sabedoria não é simplesmente uma questão pessoal e privada, mas que ela se torna eminentemente uma questão coletiva, estrutural. Pode-se dizer que se trata de uma questão política. Tornar-se *sapiens sapiens*, o que evidentemente não é algo dado, torna-se então nosso projeto. E os desafios colossais com os quais se confronta hoje a humanidade e para os quais a crise atual não é mais do que a imagem aumentada por uma lupa, corresponde a mutações muito mais profundas e longínquas. Estes desafios existenciais são também uma oportunidade, como em todos os momentos críticos da história humana, de serem ao mesmo tempo situações de risco e situações de renascimento. E, ao lado do renascimento, a questão não é mais, como na evolução histórica ou biológica, de estar do lado da humanização biológica e cultural, mas de uma humanização afetiva e espiritual. Para retomar a questão central dos encontros internacionais anu-

Por uma sobriedade feliz...



ais chamados de “Diálogos em humanidade”, a pergunta é “Como crescer em humanidade?”¹⁴ Esta é minha visão de como fazer bom uso da perspectiva de fim do mundo: apostar na capacidade que tem a humanidade de construir um salto qualitativo em sua própria história.

O papel da educação nesta visão é muito interessante. Quando eu fiz meu relatório sobre a riqueza, eu me dei conta de que um dos elementos que bloqueiam nosso imaginário não vinha simplesmente dos números que nos mantinham presos, mas das próprias palavras que usamos. Nós devemos nos dar o direito de visitar as palavras, de nos reapropriarmos delas, e a palavra educação é um exemplo perfeito. É preciso revisitá-la em seu sentido radical e não reduzir educação à formação. *Ex-ducere*, em latim significa “conduzir para fora”, e isto é quase o contrário da formação que se faz hoje: é construir os elementos que fazem com que um indivíduo ou um grupo acedam à autonomia. A autonomia estaria na origem do próprio projeto de vida. Uma verdadeira educação, para retomar

81

14. (NT) A rede Diálogos em Humanidade existe em diversos países, entre eles o Brasil, e pode ser melhor conhecida no site <http://dialoguesenhumanite.org/>



uma frase da filósofa Simone Weil, seria “Educar um ser humano é elevá-lo face aos seus próprios olhos”. O papel da educação é precisamente preparar os seres humanos a se colocar a questão fundamental: “O que vou fazer de minha vida?” Esta questão educativa será reencontrada em todos os momentos de bifurcação, a cada vez que sejamos levados a escolher, e a escolher em referência a questões que são absolutamente essenciais sobre nossa relação com o sentido da nossa vida e da nossa relação com os outros. O coração do processo educativo se apoia sobre uma nova forma de educação mais popular, no sentido, por exemplo, dos movimentos de educação popular, como os movimentos de juventude agrícola¹⁵. Este eixo educativo não pode se reduzir ao eixo de formação de adaptação a futuros empregos, ou a futuras técnicas, que de todo modo, dada a rapidez de suas evoluções, têm todas as chances de estarem com-

15. Estes movimentos partem do princípio de que cerca de 85% dos jovens vivem em países em desenvolvimento, que metade deles vivem em áreas rurais e que eles estão migrando a cada dia para as cidades. Se não houver apoio a projetos sustentáveis destes jovens nas áreas rurais o futuro da produção de alimentos, que garante a segurança alimentar, a luta contra a pobreza e um freio às mudanças climáticas, o futuro humano na Terra estará ameaçado.



pletamente mudadas entre o momento em que se criou as formações e o momento no qual os estudantes estão formados. Eu acho que é necessário aproveitar desta tensão dinâmica para revisitar, no sentido pleno, o termo educação.



Segunda lição:
Por uma sobriedade feliz
Porque uma sobriedade feliz?

É neste contexto de crise que um desafio bem mais importante e considerável se impõe. Qual? Aquele que Pierre Rabhi chamou de “sobriedade feliz”. E se a palavra sobriedade não agradar, é possível buscar outra, como simplicidade, frugalidade, ou até encontrar um sinônimo mais pessoal. O que é interessante na noção de sobriedade é a ideia de que é preciso aceitar alguns limites. E por que a aceitação de limites é um desafio tão essencial no período histórico em que vivemos? Por que esta aceitação de limites precisa estar lado a lado com a busca da qualidade de vida? Ou por que a aceitação de limites se relaciona com a busca de uma qualidade superior de existência? Iremos tratar disto agora.

85



:: A aceitação dos limites impostos pela crise

86

Para entrar neste tema é preciso desde logo lembrar o que existe de comum nas diferentes facetas da crise, aquilo que está presente tanto na dimensão ecológica, quanto na social, alimentar, geopolítica, financeira, etc. Como foi visto na primeira lição, o que existe de comum nestas crises é o par desmesura e mal viver. Nós temos de um lado uma falta de limites, uma desmesura, que está no coração das diferentes facetas da crise e é por esta razão que a crise, como foi dito, é sistêmica. E é por isto também que não podemos tratá-la de forma parcelada, dizendo, por exemplo, que vamos primeiro tratar a crise financeira e depois veremos como tratar as questões ecológicas e, na etapa seguinte, as questões sociais. Cada vez que fazemos isto, agimos, como foi dito, como em uma “fuga para frente” em um campo em que nós não queremos/sabemos enfrentar de forma integral. Por exemplo, por um passe de mágica encontram-se milhares e milhares de dólares para salvar o sistema financeiro mundial. Mas, por outro lado, em particular para todas as questões sociais, de educação, de saúde etc. nós continuamos a dizer

Por uma sobriedade feliz...



que não há recursos. Ora, o fato de dividir a crise em diferentes pedaços torna impossível uma resposta sistêmica. A questão da desmesura e, por trás dela, frequentemente, a questão do mal-viver, do mal-estar e dos maltratos, merecem ser tratadas já que a desmesura não é mais do que uma forma de compensar situações de desequilíbrio que têm raízes no mal-estar e no mal-viver.

Quando se compreende tais mecanismos e quando se compreende que no coração do caráter sistêmico da crise está o par negativo formado pela desmesura e pelo mal-viver, se aceita mais facilmente que é preciso encontrar o par positivo. Este é formado, de um lado, pela aceitação de limites, a sobriedade, a frugalidade, a simplicidade... e, por outro lado, pela articulação destes limites com o bem viver. É ilustrativo o exemplo típico do toxicômano ao qual se propõe a cura pela abstinência: se ele não tem esperança em um final positivo de seu tratamento, ele preferirá manter-se na toxicomania. Do mesmo modo, se coloca a questão da qualidade de vida, da qualidade do ser, numa discussão que deixa de ser individual e passa a ser plenamente uma questão de sociedade. Como construir economias e políticas do bem viver? Esta é uma



questão colocada precisamente pelo relatório da comissão Stieglitz, anteriormente citada. Nós nos encontramos aqui face a demandas da atualidade.

Devemos manter presente nesta discussão a questão do equilíbrio. O equilíbrio entre a desmesura e os limites está articulado com a discussão sobre a qualidade de vida e sobre a qualidade do ser. Estas duas questões representam não apenas um desafio pessoal, no cotidiano de nossas próprias vidas, mas também um desafio coletivo e societário. É preciso então interrogar-se sobre a questão central “Como sair do par excitação/depressão para construir outro par que representa em si a qualidade de vida: o par intensidade/serenidade, para construir a sobriedade feliz?”

88

:: A onipresença do par excitação/depressão

Observaremos em princípio porque o par excitação/depressão é central nas lógicas econômicas, políticas e midiáticas que estão no coração da crise em curso. A forma como as coletividades humanas buscam desesperadamente mais e mais energia, na maior parte do tempo reflete a lógica

Por uma sobriedade feliz...



excitação/depressão pela qual elas se organizam. Isto é compreensível: Se estou na excitação, esta excitação acaba por gerar uma forma de desequilíbrio que se traduz por uma depressão; esta depressão é, em seguida, compensada por uma nova busca de excitação.

Um outro tema, outro problema: a mídia. O essencial do problema midiático está no princípio de que, ao invés de estar investida do princípio do jornalismo de informação, de fornecedor de educação, no sentido do provimento de informação de qualidade, a mídia está condicionada frequentemente pelo par excitação/depressão. É disto que trata o famoso teorema do antigo diretor do maior canal de televisão francesa, Patrick Le Lay, que teria declarado, para resumir seu papel à frente da rede, que “Nosso trabalho é vender tempo cerebral disponível à Coca-Cola”. Ele disse Coca-Cola, mas poderia ter dito qualquer outra empresa internacional. O que é interessante é a noção de “cérebros disponíveis”. Tudo que se faz fora da publicidade na televisão seria apenas o antes e o após a publicidade. A pergunta derivada é: como vamos colocar o telespectador em situação na qual ele esteja disponível no momento da mensagem publicitária.



90

Evidentemente, quando se está nesta perspectiva se deve recorrer ao que os profissionais da mídia chamam de “pegada emocional”, ou do minuto dramático de humanidade antes do final de um capítulo de novela, ou de qualquer final de emissão. Este minuto deve tecnicamente vir antes da publicidade, como um ingrediente emocional suficientemente forte para manter o telespectador em expectativa, ligado, para que ele não se desconecte durante o corte representado pela publicidade. Esta pegada emocional está sempre relacionada com a excitação. Evidentemente esta excitação, superficial, não dará intensidade de vida em profundidade. Esta excitação inevitavelmente irá desembocar em uma depressão e aí será preciso novamente criar a excitação cada vez em um nível mais forte, de maneira contínua.

Pode-se evocar, por exemplo, a série “24 horas”, na qual a escalada emocional era tal que se chegava a uma tela com quatro imagens ao mesmo tempo, com um cronômetro, para manter o telespectador sob tensão extrema. Observe também como são fabricadas as emissões de telerealidades: eu citarei *Secret Story*, a título de exemplo. É preciso que haja a cada vez uma gradação maior da

Por uma sobriedade feliz...



excitação. Como se faz isto? Prepara-se uma emissão entrevistando uma velha amiga..., ou traz-se alguém que, se sabe, irá mexer com um personagem, ou introduz-se um episódio suplementar de reconciliação ou até uma cena de salvamento... O único objetivo é atrair constantemente o espectador e impedi-lo de desligar-se da emissão. E se não se tem uma excitação num grau cada vez maior, arrisca-se um desligamento pela depressão. O que é verdade em matéria de economia financeira, é verdade no universo da mídia e é verdade também no universo da política.

91

No meio político, o par excitação/depressão é uma constante, e os políticos se enredam, por exemplo, na excitação de ganhar uma eleição e no medo de perder a seguinte. A palavra poder, que é um verbo auxiliar, só deveria se escrever em minúscula, pois não tem sentido sem um complemento: o poder de fazer algo. A delegação dada aos políticos é, em tese, uma autorização para que eles realizem, em nome do coletivo, algo nobre, utilizando um poder de criação. As leis, os projetos, enfim, o futuro da nação, seriam operações de excelência organizadas por este conjunto de delegados do povo



com capacidade de produzir energias coletivas. Então, por que o Poder se escreve em maiúsculas? O poder como substantivo, que se torna não o “poder de”, mas um “Poder sobre”, um poder opressor, um poder que não é mais fundado sobre o par criação/cooperação, mas sobre o par medo/dominação. Este estranho pensamento de que com o poder se pode dominar os outros traz consigo, ao mesmo tempo, o medo de perdê-lo. O que produz esta deturpação da ideia de poder? Ela se produz no momento em que a política se torna, ela mesma, parte do par excitação/depressão, e não um serviço. A partir daí todos os desvios são possíveis.

∴ A busca da alegria de viver: sair do ciclo excitação/depressão

É preciso que encontremos saída para este onipresente par da excitação/depressão. É preciso construir outro par que se encontra no coração daquela sabedoria que as tradições humanas sempre propuseram. Ela é particularmente cara ao filósofo Spinoza, quando ele se interessa pela questão da alegria de viver. O que se encontra no



âmago da alegria de viver? O mesmo fenômeno que podemos encontrar na excitação: a intensidade. Mais uma intensidade que não é superficial e desequilibrada. É uma intensidade que eu chamo de “viver a hora do agora”. Uma qualidade de presença, uma qualidade de intensidade de vida, o viver plenamente o que se está vivendo. Seja a relação com o outro, uma situação de escuta, ou viver uma bela paisagem. É estar plenamente presente e saborear o momento. Viver o agora implica uma qualidade de presença e de intensidade. Se vivemos plenamente esta intensidade podemos estar também na serenidade, no coração mesmo da intensidade vivida. Poderemos estar então em uma qualidade de serenidade na nossa relação conosco, na relação com os outros, na nossa relação com a Natureza, que não temos quando estamos em uma situação de depressão.

93

O par intensidade/serenidade está no âmago da questão individual, mas também no âmago de desafios profundamente coletivos. Se quisermos encontrar a saída para a crise financeira, para o descontrole da mídia, para os desastros políticos, etc. devemos trabalhar com base no par intensidade/se-



renidade. E veremos que isto muda completamente não apenas nossa relação conosco, mas também nossa relação com os outros. Reencontramos a ideia da aceitação de limites, mas também do bem viver. Quando se quer viver tudo se está no quadro da excitação e aí não se pode viver nada a fundo. É como se estivéssemos com um controle remoto nas mãos, perpetuamente mudando de canal. Neste quadro, o outro é permanentemente um rival, um competidor. A cada vez que vou a um novo lugar, eu vou encontrar outros e eu me sinto permanentemente ameaçado pelos outros. Quando eu aceito não viver tudo, mas decido de verdade o que eu quero viver, eu faço isto intensamente. E, neste momento, o outro não é um rival ameaçador, mas pode muito bem tornar-se um companheiro de estrada. É graças aos outros que terei acesso a sabores de vida que eu não conhecerei diretamente. Uma viagem que ele vai me contar, um romance, um filme, uma aventura coletiva ou individual, não importa. Neste momento a arte de viver o momento presente é ao mesmo tempo a arte de viver intensamente nossa própria vida, mas também de fazer da relação com o outro uma oportunidade, mais do que uma ameaça. E se isto é verdadeiro em nossa relação com o Outro, é



verdade também para nossa a relação com a Natureza. Uma das razões dos desastres ecológicos é o fato de que estamos em guerra com a Natureza. É o resultado da guerra que temos em relação ao outro. E nós estamos em guerra com os outros porque estamos em guerra conosco mesmos. Um grande filósofo, Gabriel Marcel, provoca-nos quando diz “O egoísta é aquele que não se ama o suficiente”. Por trás do paradoxo, esta frase é precisa e toca o ponto exato porque aquele que está em guerra consigo mesmo tem um mal estar íntimo, uma auto desaprovação e por isto tem uma necessidade desesperada de encontrar seu valor, de buscar sua energia, no olhar do outro. E é por isto que o egoísta não se ama o suficiente. Embora Coluche¹⁶ brinque dizendo que “Não, o egoísta é aquele que não me ama o suficiente”.

95

Existe uma vida melhor. Para encontrá-la basta buscar em várias direções. Os jornais e revistas estão plenos de pesquisas sobre o que seria o “manual para uma vida melhor”. As experiências que se destacam são as que saem do comum, adaptadas aos valores emergentes de nossa época, tentativas

16. (NT) Comediante muito conhecido e querido pelos franceses.



de viver de outro modo. Existe um grande número de elementos de mudanças de postura que estão em curso hoje. Os movimentos *slow*, por exemplo. Estes movimentos nasceram a princípio do *slow food*, que apareceram como alternativa ao *fast food* e depois a ideia fez seu caminho em direção a outros comportamentos. Um dos primeiros adeptos desta proposta Carl Honoré, escreveu um best-seller intitulado “Elogio à lentidão”. Ele mesmo ficou surpreso com o próprio sucesso editorial. Ele estava em uma situação de conflito entre suas demandas pessoais e as demandas vindas de fora. Ele se sentia prisioneiro de uma vida muito veloz, em uma situação de stress permanente... Ele buscava voltar a ter tempo. Um dia, em um aeroporto, ele leu por acaso um artigo que explicava que existia um novo sistema que permitia reduzir o tempo para se contar histórias para crianças pequenas para dois minutos e meio. Um bálsamo para este pai de família que pensou na hora “Fantástico! É exatamente isto que preciso.” Ele começou a ler o artigo e ali “caiu-lhe a ficha” e ele se deu conta da maluquice proposta. Na linguagem que estamos empregando aqui, ele se deu conta que o artigo estava diretamente vinculado à ordem da desmesura. Ele decidiu então



mudar de postura a título individual e se propôs a escrever um livro para exprimir seu mal estar. Um livro que, como muitos, poderia muito bem ter tido três mil exemplares, mas vendeu milhares, que foram traduzidos em trinta línguas. E este movimento dito *slow*, em todas as formas do termo, está se expandindo pelo o mundo e em todas as camadas sociais.

Eu mesmo participo de uma iniciativa de co-alizção em torno da questão do clima que se chama “Grande Pausa”. Ele se inspira nas declarações recentes do secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, em relação à insuficiência das negociações da Conferência de Copenhague sobre o Clima: “A humanidade está indo em direção ao abismo com o pé no acelerador”. Bem, não foi um alternativo radical que fez esta declaração, mas o secretário geral das Nações Unidas, apoiando-se nos últimos relatórios do IPCC, uma comissão internacional de climatologistas que estuda as mudanças climáticas. Estamos, neste ponto, ao lado do princípio de responsabilidade, do lado da lucidez, incluindo mesmo a lucidez trágica. Então, o IPCC está inventando histórias e o Sr Ban Ki-



-Moon é um lunático? Se considerarmos que suas palavras são suficientemente sérias, o mínimo que podemos fazer é ao menos tirar o pé do acelerador. E, neste momento, reintroduzir a desaceleração, reintroduzir a pausa nos nossos próprios ritmos temporais.

98

Em todas as civilizações, os períodos de repouso, ditos sabáticos, foram tempos de grande fecundidade. E isto tanto nos tempos sabáticos por questões espirituais quanto nos tempos sabáticos por questões políticas. A independência da Índia se jogou em grande parte em torno dos dias de jejum e orações organizados por Gandhi. Mas isto se deu também com os tempos sabáticos sociais tendo como exemplo os grandes movimentos sociais que a França conheceu no período do *Front Populaire*¹⁷, ou de Maio de 68. Um tal projeto de organizar cada vez mais tempos de pausa, uma pausa que seja ao mesmo tempo protetora — para fazer parar os efeitos mais perversos da aceleração — e avaliadora, ou seja, que permita que questionemos cada uma de nossas organizações sobre o que esta-

17. (NT) Coalizão de partidos de esquerda que dirigiu a França de 1936 a 1938.



mos fazendo, produzindo, organizando, certamente não nos levará ao abismo. Isto pressupõe evidentemente que utilizemos novos indicadores, sendo que alguns deles já foram abordados pela Comissão Stiglitz. É preciso que esta pausa seja criativa, e é muito possível que este tempo de parada seja fecundo, seja para imaginarmos uma mudança de rota, uma mudança de postura, uma mudança de organização econômica, educativa ou política. Algumas destas atitudes já estão sendo exploradas neste momento.

99

Não se vê ainda suficientemente, provavelmente por causa do nosso universo midiático que, por ser organizado em torno do par excitação/depressão, torna estas iniciativas invisíveis aos nossos olhos. Mas neste mesmo campo da mídia também se pode ver a atitude da Associação Repórteres da Esperança¹⁸, que tem cada vez mais impacto sobre os meios de comunicação. Repórteres de esperan-

18. A Associação Repórteres da Esperança tenta promover a divulgação de informações portadoras de soluções e de promover as iniciativas de sustentabilidade. Ver www.reportersdespoirs.org. Pode-se citar também os prêmios “Eles constroem um mundo melhor” dado a cada ano pelas Grandes Ecoles do Pays de la Loire, no qual o Groupe ESA (NT que promoveu a conferência) está inserido, ou o festival do SCOOP e do jornalismo de Angers.



ça realizam “matérias de esperança” não apenas na imprensa escrita, mas também nas rádios e na televisão. A evolução para este outro mundo evocado anteriormente se prepara também no ambiente e através das mídias. Em todo caso, é necessário agrupar já estas forças de vida porque enquanto estamos do lado da desesperança, do medo, do ceticismo, nós estaremos na impotência. Eu digo sempre: “O pessimismo é um luxo ao qual nós não podemos nos permitir. O momento é de ação, e de ação transformadora”.

∴ Mais que um desafio pessoal, um desafio para a sociedade

Todos os elementos apresentados anteriormente mostram que a questão que temos face a nós não é simplesmente uma questão de natureza pessoal, e nem mesmo interpessoal, mas algo que abrange toda a sociedade. Os desafios que evoquei, tanto para a primeira vertente como para a segunda destes momentos chaves da humanidade com ela mesma, são desafios que estão na esfera da construção de uma qualidade superior da



alegria de viver como alternativa ao par excitação/depressão. No momento em que nos engajamos nesta direção – de olhar o mundo não apenas com olhos desesperados que anunciam catástrofes, mas também com capacidade de identificar as forças de vida – veremos o grande número de atores sociais que já começaram a mudar de postura; as diferentes categorias de pessoas que saem deste par excitação/depressão para desconectar-se do modelo dominante e também para construírem, ao mesmo tempo, outras relações consigo mesmos, com os outros e com a Natureza. Este fenômeno já começou e sua importância não para de se amplificar. Várias pesquisas, infelizmente ainda pouco conhecidas, colocaram este fenômeno em evidência no início dos anos 2000 através do que foi chamado de *cultural creatives*. Este fenômeno é frequentemente mal traduzido por “criativos culturais”, que é muito redutora na expressão francesa, pois dá uma impressão de se dirigir somente a pessoas do meio cultural. Trata-se de um fenômeno muito mais amplo, que precede uma mudança de postura coletiva.

101

A história que vou contar a seguir pode ajudar a ver em que ponto existe hoje consideráveis



fermentos e forças de vida criativas sobre as quais nós podemos nos apoiar para conjugar o princípio de esperança com o princípio de responsabilidade. Em 2000, uma grande pesquisa foi decidida nos Estados Unidos para se medir como os americanos se situam entre os dois grandes modelos sócio-culturais identificados na época: de um lado, um modelo modernista, expresso, por exemplo, pela presidência de Bill Clinton, e de outro lado, o modelo tradicionalista, igualmente bem exemplificado pelas presidências de Ronald Reagan e George Bush. Tratou-se de uma pesquisa exaustiva, realizada junto a cem mil pessoas, nada a ver com uma pesquisa superficial realizada por telefone. Ela foi dirigida por um sociólogo, Paul Rey, e por uma psicóloga, Sherry Anderson. À medida que a enquete prosseguia, constituída de entrevistas não direcionadas, para permitir uma maior pluralidade, foi-se identificando um número significativo de entrevistas dentro da amostra com respostas julgadas contraditórias. No princípio não se deu muita importância, mas, aos poucos, Sherry Anderson começou a se interrogar sobre este retorno, que abrangia 25% dos respondentes. Ela decidiu ir mais longe e fazer uma enquete mais profun-



da ainda sobre esta nova categoria da população e os resultados foram evidentes. Observou-se que existia uma coerência entre os sistemas de valores apresentados e as práticas destas pessoas, muito mais do que entre os tradicionalistas e os modernistas. Um exemplo clássico do tradicionalista: os valores puritanos mostrados no plano sexual, por exemplo, e as práticas divergentes disto que se mostram no grande número de escândalos sexuais existentes nos EUA. Com a nova categoria batizada de “cultural creatives” existiam elementos de coerência entre práticas, discursos e valores. E então os pesquisadores se colocaram a seguinte questão: “Como é possível que este grupo cujo núcleo duro estava identificado a mais de 12% da população de mais de 15 anos e cuja influência chegava a um quarto da população não fosse visível até aquele momento?”

103

Dois elementos apareceram então: de um lado, a face invisível aos olhos do establishment econômico, político, midiático, religioso etc. resultava desta dualidade existente entre modernistas e tradicionalistas que impedia de ver que uma outra atitude era possível, paralelamente a esta re-



apresentação fechada dos fatos. Esta enquete, que normalmente teria feito um barulho enorme, acabou publicada apenas por um pequeno editor, de tal forma o establishment não podia imaginar que seus resultados fossem possíveis. O segundo elemento, e provavelmente o mais interessante do estudo, é que, quando os entrevistadores colocaram a questão “Você tem o sentimento de pertencer a uma nova corrente, muito dinâmica, portadora de novos valores e novas práticas?”, os entrevistados ficavam de boca aberta e diziam, “não, de jeito nenhum, nós somos provavelmente alternativos minoritários”. Enquanto a enquete os situava entre 15 e 25% da população, eles se estimavam representados entre os dois ou quatro por cento da população. Isto quer dizer que estes criativos culturais, para retomar a expressão francesa — ou estes criativos alternativos — não se conheciam entre si e não tinham consciência de que partilhavam valores. Eles têm uma formidável criatividade no território em que atuam, mas esta criatividade está confinada em bases microssociais. Eles não tinham consciência de estar em uma força de vida coletiva que poderia mudar as coisas, influenciando inclusive em níveis superiores. E quando enquetes desta



mesma natureza foram feitas em outros países – inclusive sobre os *creatifs culturels* franceses – foi extremamente interessante ver que fenômenos parecidos apareciam. Por exemplo, não se pode compreender, sobre o plano político, o fenômeno da eleição de Barack Obama, se não se compreende este lençol freático subterrâneo, muito expressivo, dos criativos culturais: se não se vê as mutações sociais e culturais profundas que se desenvolveram na última década. E é a mesma coisa na maior parte dos grandes temas.

105

Quando se analisa em detalhe as mudanças de postura deste grupo – o que foi feito em seguida com a enquete francesa – identificam-se mudanças em vários campos: uma nova relação com a Natureza, com a ecologia, com a alimentação, a medicina, etc. É possível ver uma nova postura também na relação homem/mulher, particularmente com um crescimento dos valores femininos face a uma postura habitualmente dita viril. A potência passa a ser considerada do ponto de vista do poder criador, mais do que da potência de dominação. É possível ver mais do ser do que do parecer. Mais engajamento social. É possível ver mais abertura multicultural. Pode-se observar também algo



muito interessante: considerar-se como complementar e não como contraditório o fato de se estar ao mesmo tempo no território da transformação pessoal e no da transformação coletiva e social. Por exemplo, é muito significativo o fato de que a organização do primeiro seminário sobre o tema “Transformação pessoal, transformação social” tenha sido feita no interior do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Isto evidencia que este tema considerado até pouco tempo como da esfera “psi”, um tema espiritual, passe a ser politizado. Destaca-se também o fato de que no Fórum Social Mundial de Belém, em 2009, na Amazônia, a questão do bem viver tenha sido colocada no mesmo nível que a questão dos bens comuns da humanidade¹⁹. E, como foi dito, esta questão do bem viver estava sendo colocada principalmente pelos povos indígenas, que faziam com que a questão da qualidade de vida e da qualidade do ser sejam entendidas como plenamente políticas.

Se de um lado vemos criativas mudanças de modos de vida, de outro lado vemos também o re-

19. (NT) Questão política que discute que a água, por exemplo, não pode ser considerada uma mercadoria...



torno da política. Pode-se considerar um progresso que grupos dirigentes de diferentes países possam se encontrar regularmente para falar exatamente de regulação. Nós saímos de 30 anos de obsessão desreguladora. Ora, o que está se passando sob nossos olhos e que podemos chamar de modelo DCD²⁰: Desregulação, Competição desenfreada e Deslocalização. Nós vimos bem que cada um dos problemas que evocamos sobre o clima, ou sobre a alimentação, necessita de regulação. É necessário que se pense em cooperação. Se ficarmos na lógica de competição, vamos todos afundar juntos. Começa-se a falar de realocização²¹ e não se trata de realocização autárquica, fechada, mas de realocização discutida nos territórios. Esta proposta contribui para dar ao desenvolvimento local seu sentido pleno, acabando, por exemplo, com a loucura de tomates e morangos que viajam dez mil quilômetros antes de chegar aos nossos pratos. Sair do Consenso de Washington pelo qual a desregulação era o alfa e o ômega de toda política econômica e voltar a falar de regulação, planifi-

107

20 (NT: *decédé*, morto, em francês)

21. (NT) quando os países trazem de volta as sedes das empresas que foram deslocalizadas para áreas mais rentáveis.



cação, já é um progresso. Mas é suficiente? O retorno da política que assistimos graças a esta crise econômica é uma novidade boa, mas para ir em qual direção? A experiência histórica que vivemos na crise dos anos 1930 nos incita à prudência se nos lembrarmos do movimento pendular que fez com que diversos países passassem de um capitalismo desregulado a uma fase de ultra-dirigismo. É verdade que naquele período histórico se deu o retorno da política, mas infelizmente de uma política regressiva, guerreira, autoritária, e até mesmo totalitária.

A regulação está de volta, isto é uma boa notícia. A política está de volta e isto também é uma boa notícia, mas a natureza mesma do poder e da regulação está em questão. O que é decisivo para que este retorno da política e da regulação não derrape em direção a posturas autoritárias é a articulação das forças vivas da chamada sociedade civil mundial. É ela que, cada vez mais, pode garantir que não estejamos em uma relação de forças do tipo ganhador/perdedor, mas em uma dinâmica de forças na qual cada ator é levado a ajudar a mover os outros na direção do consenso. Se



olharmos como nasceu a sociedade civil mundial, vemos que, em termos de relação de forças, no início, ela pesava zero. Para exemplificar a mudança, podemos pegar a diferença acontecida entre os dez anos que se situam entre o primeiro Fórum de Organizações Não Governamentais, na Eco 92, e o primeiro Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Vê-se aí uma sociedade civil que se constituiu progressivamente nestes dez anos em um campo difícil que é a escala planetária. E, na escala histórica, dez anos é nada. Se se observa o desequilíbrio de forças em termos de dinheiro entre esta sociedade civil mundial e as multinacionais, a diferença é abissal. O desequilíbrio em termos de poder no plano institucional também é muito grande. Em termos midiáticos, também, pois não existe nenhuma mídia de grande porte ao lado das grandes associações civis internacionais. Apesar de tudo isto, desta impossibilidade evidente de vencer, se raciocinamos em termos de forças opostas, não se pode negar a imensa energia criativa que fez com que esta sociedade civil mundial se imponha na cena mundial e interrogue inclusive o G20. Vocês viram a pauta do último G20? Estavam em questão os pa-



raízos fiscais, a discussão sobre a taxa Tobin²², etc. ou seja, as questões na agenda das grandes instituições internacionais estão sendo balizadas em grande parte pela sociedade civil mundial. Eu não digo tudo isto por romantismo ou para ignorar deliberadamente os elementos que causam inquietações justificadas, resistências legítimas, etc. – mas estes fatos também fazem parte da realidade. E esta realidade pode ser lida hoje como uma dinâmica de forças criativas, mais do que uma relação de forças tradicional.

∴ O próximo grande passo para a humanidade

Vou resumir os diferentes aspectos em discussão. Nós estamos em uma situação onde não seria falso dizer que a humanidade pode se perder ao não seguir o princípio de responsabilidade. Há ainda uma grande quantidade de situações que podem produzir retrocessos, caos e até mesmo guerras. Isto é verdade. Mas do lado do princípio da es-

22. (NT) Taxa proposta por Tobin para cobrar impostos sobre os movimentos financeiros mundiais, como uma CPMF global para atingir os ganhos da especulação financeira e financiar projetos públicos globais.



perança – que é preciso levar em conta do mesmo modo que em outros grandes momentos da humanidade nos quais períodos de crise também foram períodos de oportunidades – os elementos de renascimento também são possíveis. A própria amplidão dos desafios torna-se ocasião para um salto qualitativo que leve a humanidade em direção ao aprofundamento da consciência, a mais humanidade. Estes desafios podem fazer com que esta formidável rede pensante que nos foi possível graças à sociedade do conhecimento e às tecnologias de comunicação, sejam também um pouco mais uma rede amante. Que a questão da relação entre a inteligência mental e a inteligência do coração, a questão da inteligência emocional, esteja cada vez mais presente. Esta questão da inteligência emocional não é simplesmente uma questão individual, mas também uma questão coletiva. A humanização é um salto qualitativo possível, e o que é verdade em cada uma das nossas próprias vidas é verdade também para este encontro crítico da humanidade com ela mesma. Mas nós não poderemos fazer isto se não sairmos da lógica do medo e da desesperança. Se ficarmos simplesmente no medo das catástrofes, mesmo que o diagnóstico de sua possibili-



dade seja lúcido, este medo criará um sentimento de impotência, que nos paralisará.

112

É necessário que hoje, no mesmo momento, tenhamos um desejo da humanidade possível, tanto para nosso futuro pessoal quanto para nosso futuro coletivo. É preciso encontrar o que seria desejável, aceitar uma abertura ao imaginário possível, indo para além da humanidade que sairia da crise apenas numa sobrevivência biológica. Uma humanidade capaz de criar as condições de uma intensidade de vida tal que sua qualidade de consciência seja uma qualidade não somente para ela mesma, mas, eu ousaria dizer, para todo o Universo. Isto porque, de certa maneira, se perguntamos “qual é o papel da humanidade no cosmos?” poderíamos dizer que é “transformar raios de sol em consciência”. Nós representamos o ministério da humanidade. Através da humanidade, e talvez de outras civilizações inteligentes que nós não conhecemos ainda, está em jogo a capacidade que o Universo tem de tomar progressivamente consciência de si mesmo. É neste sentido que o desaparecimento da humanidade não seria uma perda somente para nós mesmos, mas uma perda para o Universo.

Por uma sobriedade feliz...



Se nós nos colocamos nesta perspectiva de transformar sol em consciência. Se dissermos que a qualidade da consciência segue ao lado da qualidade do ser e da qualidade da confiança que reforça as relações com os outros. Se pensarmos que a qualidade da consciência não é simplesmente a qualidade da inteligência mental, nós nos colocaremos na perspectiva daquilo que as tradições de sabedoria chamaram de inteligência do coração. Eu concluirei esta intervenção com esta bela frase do psicoterapeuta americano Alexander Lowen, fundador da “bioenergética”, que dizia: “[...] atravessar a vida com o coração fechado é como fazer uma viagem ao mar nos porões do barco”. O desafio, tanto nas nossas vidas pessoais como nas nossas vidas coletivas, é sair do porão e subir ao convés!

113

Por uma sobriedade feliz

é uma edição da Quarteto Editora.

Av. Antonio Carlos Magalhães, 3213 – Ed. Golden Plaza, s/702

Parque Bela Vista – Brotas – Salvador-Bahia

CEP 41.275-000 – Telefax.: (0xx)71-3452-0210

E-mail: quarteto.livros@compos.com.br

quarteto.livros@zipmail.com.br

Salvador – 2012